

P880



Socie-  
dade

Mlle. Clotilde  
Guedes  
Pereira

PHOTO-FIDANZA

ANNO VIII  Recife, 24 de Setembro de 1927  NUM 313

OL DILHÉRIOL

# —Aqui têm os Senhores, a tia "Mariquinhas"

"É O ANJO da casa,—diz Stellinha. Se o papue chega preocupado, se a mamãe está nervosa, se a vóvó amanhece com os seus achaques, se os meninos estão aborrecidos, logo apparece a tia Mariquinhas consolando-nos a todos com seus carinhos, com suas palavras e com o seu sorriso mais doce do que o mel.



ANTIGAMENTE a tia Mariquinhas, para qualquer dôr, accudia logo com unguentos e cosimentos de hervas; naturalmente o resultado não satisfazia a ancia de fazer o bem com que tia Mariquinhas veio ao mundo. Mas a experienzia foi-lhe ensinando que o mais simples e efficaz que existe é a

## CAFIASPIRINA

E agora, quando ha em casa uma dôr de cabeça, de dentes ou de ouvido, uma enxaqueca ou uma nevralgia, com que satisfação ella salta com uma dose de Cafiásprina e vê em poucos minutos alliviar-se o sofrimento do ente querido!

E ella mesma, com que confiança toma os seus comprimidos de Cafiásprina sempre que lhe atacam as dôres rheumaticas! Não sómente o allivio é instantaneo como não affecta o coração nem os rins.

A CAFIASPIRINA é a melhor defesa que se pode ter no lar, contra as dôres de cabeça, dentes e ouvidos; nevralgias e rheumatismos. Allivia rapidamente, levanta as forças e não affecta o coração nem os rins.



A pessoa da familia que Stellinha vae, em seguida, apresentar-vos é o seu querido tio Caramba. Procure-o nesta revista e verá como elle é sympathico.

# COMMENTARIOS

## Aviação

Fracasaram todos os raids transoceanicos. Depois da victoria sem par de Lindenberg, que, ao lado de seu gato corajoso, foi de New-York a Paris, em 33 horas de voo, outros tentaram a formidavel travessia, e todos elles, feridos cruelmente pelo destino, não obtiveram o triumpho ambicionado.

O governo americano acaba de dar um golpe terrivel, de morte, nesses raids, não os ajudando.

Na verdade esses raids constituem as mais bellas paginas de heroismo e de abnegação das raças triunfadoras no mundo, mas, ao mesmo tempo podem ser considerados como verdadeiras loucuras, em que morrem, à flor da idade, as mais legítimas glorias da aviação mundial.

Ainda está na memoria de todos o fim tragicó do voo do Visconde de Saint-Roman, o homem que, durante uma noite inteira, impressionou a alma do mundo, pela assombrosa travessia que planejara, lá do Senegal em terras quentes de Africa.

Ainda recordamos, penaltados, da sorte de Nunges-

ser e Coli, os dois "azes" da França invicta, que se aventurem, um dia, a levar á pátria de Lindenberg, o abraço fraternal da raca latina.

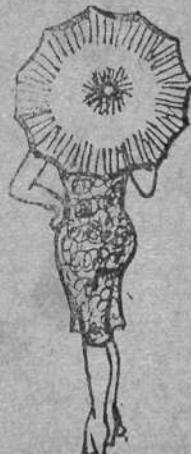
De facto, esses raids impressionam vivamente, mas não attingem a finalidade da aviação.

A aviação está destinada a ser a alavanca formidavel do commercio, como nas passadas eras, a locomotiva foi a alavanca do progresso.

Os aviadores não se devem impressionar com as grandes etapas que possam alcançar. Devem se preocupear com a segurança dos pequenos vôos, com a regularidade de horario nas viagens, para que, pouco a pouco, o povo, que é eternamente desconfiado, possa lhes

\*\*\*

\*\*\*



abrir seus braços fraternaes.

Os raids transoceanicos estão mortos. Passaram da hora actual.

## As Praias...

As nossas praias começam a se enfeitar de rosas.

Boa-Viagem! Pina! Olimada!

Todas elles estão sorrindo ao sol, felizes, venturosas, porque, á sombra dos coqueiros, pisando a areia alva e fina, estão as criaturas da elite pernambucana.

Como é linda a estação balnearia!

E a estação florida, primaveril em que todas as criaturas, perto do mar, são verdadeiras creanças, creanças travessas que se tostam ao sol, na colheita dos buzios e dos mariscos.

Até as velhinhos, doces e religiosas, ficam alegres, como as creanças, olhando ora o verde, ora o azul, das aguas revoltas do mar.

Feliz da cidade, como Recife, que tem suas praias, onde quase toda a sociedade da elite vai repousar um pouco das luctas de todos os dias, tonificando os nervos, e dando a essa praias um doce encanto de "Jardins á beira-mar pantados".

# Rabiscando

Sabbado...

Consultei o relogio — cinco e cincuenta da tarde. Saí em direcção à redacção da **A Pilheria**, na aancia de conhacer o seu illustre director e felicitá-lo pelo auspicioso acontecimento — o 8.º anniversario dessa bem elaborada revista.

O sol desmajava no occaso, deixando mas cousas uns tons de saudade e caricia. Na RUA NOVA via-se o que ha de bello dominando, a mulher: esbeltas, loiras, pallidas, tristes, risonhas, elegantes, faceiras e romanticas, numa febre de viver, desprendendo sorrisos candidos e fulminando com o seu olhar faiscante o coração do homem.

Notava-se nesses seres a alegria — um gosto de viver.

E foi assim, nessa enlevoção, que entrei no edificio onde é installada a **A Pilheria** — tenda onde se bafe denodadamente um punhado de moços attrahidos pelo cultivo das lettras. Nesse templo d'arte, recebeu-me gentilmente o sr. Porto da Silveira, apôs lhe eu ter sido apresentado, conduzindo-me logo ao salão de recepção, onde tudo encantava.

Jornalistas, poetas, prosadores, emfim, uma pleiade de intellectuaes, cheia de contentamento. A luz que espargia fecundamente os seus

\*\*



raios, nessa sala custosa, parecia brilhar com mais fulgor, numa irradiação extraña, encantadora. Oradores eloquentes faziam-se ouvir, numa harmonia de idéas e phrases bem coordenadas.

Riso e vida em tudo, muita vida.

Ladeadas, ao extremo direito do salão, as senhorinhas Marina, Dolores e Izarda, representavam a belleza da mulher recifense, na victoria alcançada no concurso da **A Pilheria**.

Admirei-as quasi extasiado, atestando a justica do seu julgamento.

Marina fascina, posso dizer, conquista. Representa bem a mulher brasileira. É uma rosa que enleva a gente, pela sua meiguice e cõr. Tem o encanto e a sedução das filhas de Sion. O seu sorriso tem a manifestação duma divindade que procura condenar o homem a admirar.



**Senhoras**  
**Os mais lindos chapéus, na**

**A Sympathia**

Sempre novidades de Rio e Paris

**Formas de palha para todos os gostos**

**R. Livramento 80**

gão; os seus olhos têm o brilho d'alva, nas madrugadas de verão.

Dolores não é menos bella.

O seu porte é um conjunto de elegância discreta para um pincel de artista. Os seus olhos fascinam e o seu sorriso domina, exalta e seduz. — E' linda.

Izarda, tem nos seus gestos a cortezia duma beleza rara — E' bella, quasi divina.

Senti-me feliz nesse ambiente, esta impressão o diz, por ver de braços dados a beleza, a arte, a literatura e a poesia. A minha presença ali, em bem o sei, passou desapercebidamente, estranha e humilde, para aquella gente. Contudo, cumpri o meu dever de solidariedade e estima a **A Pilheria**, que ainda deixei em risos e harmonias, quando me despedi dos gentis cavalheiros Porto da Silveira, Hugo Moraes e Amadeu, para quem tracei estes rabiscos.

**Aristides Costa.**

\*\*\*

## A filha do Silveira

No sabbado ultimo eu ia a conversar e a passeiar com o neto... de um jornal aqui do Recife, quando este, do chôfre, me pergunta:

— Você já felicitou a Silveira?

Eu, naturalmente, estava esquedido do acontecimento. Dahl, minha admiração:

— Ah! então o Silveira anniversaria hoje?

— Qual Silveira, nada; é a sua filha.

— Você está doido! O Silveira não tem filha!

— Si tem...

— Ora, eu o conheço muito bem e sei que elle tem, apena, um filhinho... Chama-se até, si não me engano, José Julio...

— Pois fique sabendo que o Silveira, o Porto, ou o Al-

## Mamãe tinge



tudo  
com

# Germania

AGÊNCIA  
WILE

Agente em Pernambuco: = **Henrique Develly**  
Rua Visconde Inhaúma, 118, — 2.º andar

fredo; como queiram chama-lo, tem uma filha... e, alem de tudo, camaradíssima!

Eu ia me tornando cada vez mais surpreso, escandalizado:

— Mas isto é grave! A sua familia... Não é possível!...

— E'!

Como?!

— Naturalissimamente... Eis uma hypothese: o pae de certa criança não é o autor de seus dias?...

— Decerto que sim...

— Logo, si mathematica é

mathematica, é Silveira o pae da menina.

A historia se complicava mais e eu já me aborrecia:

— Mas... mesmo que isto não seja um bluff, que tenha eu com essa filha do Silveira?!

— E' que ella é tão acessivel! E você proprio recebe seus carinhos de vez em quando... .

— Não pode ser! Isto é uma heresia!... Eu estou inocente!

— Você está mas é idiota...

## A PILHERIA

— Ou isto... porque não entendo patavina de toda esta xaropada, que vou levar ao conhecimento do Calvano...

— Hom'essa!

— Que é?

— Então você ignora que

**A Pilheria**, que é a sympathica filha do Silveira, entra hoje, para o seu noniennio?!

Foi então que respirei do espanto.

E para pagar-me do bluff que me pregou o amigo, não vi melhor remedio do que tomar um copo de Usga, da bôa, que o Silveira julgou de bom alvitre offerecer, a 3 de Setembro, aos que fazem pilherias e aos que as leem na sua **A Pilheria** que é tão boa, tão accessivel, tão camarada!

L. DO L.

## Historia de um gremio

Um Gremio Litterario! Era o meu sonho ver fundado um Gremio Litterario com o nome do saudoso poeta alagoano — Guimarães Passos — para desenvolver a intelligencia da gente moça, essa gente que será o futuro do Brasil.

E um sonho realizado! Que esplendor!

... Era pelas oito horas da manhã de 9 de Agosto. Em plena rua do Commercei encontrei o Eusebio de Barros e contei-lhe o meu sonho, o sonho de uma "imaginação fertil de moço inteligente e que já se interessa pelas letras e pelas artes".

— Bôa idéa, disse-me o Eusebio, hoje à noite aparecerá na Pajussara.

— Sim, eu espero você e os outros que vou convidar. Fui ao Semeador. Lá estava o Valdemar Cavalcanti, fazendo uma bellissima chronica, o Valdemar, que é uma farta intelligencia de critico e um dos espiritos mais luminosos da mocidade alagoa-

na. Convidei-o para fazer parte da nossa sociedade. A principio recusou-se; por fina accedeu. Pedi ao Valdemar para convidar em meu nome ao Paulo Malta Filho, jovem poeta e intelligencia nitida ás causas litterarias.

E às 8 horas da noite de 9, estava fundado o Gremio Litterario Guimarães Passos. Elegeram-me presidente da nova agremiação que se impunha á culta sociedade de Alagoas. Não merecia tal honra; quizeram-n'a dar: eu a recebi porque espero incentivar os queridos collegas para o trabalho e mesmo por que (disseram logo) foi de quem partiu a idéa.

Dias depois entrou para a

nossa casa a brillante inteligencia de poeta e escriptor critico dos mais conscientes Aurelio Buarque Ferreira, e tambem nos veio ajudar a mo cidade radiante de Felino de Mascarenhas, que bem se recommenda pelo nome que conduz.

(Este collega parece que não se agradou de nós e pediu eliminação).

Depois do dia 9 realizámos outras sessões ordinarias tendo os gremistas lido trabalhos litterarios e já nos estámos fazendo de gente no seio do generoso povo de minha terra que nos tem acolhido com sympathia.

No domingo 21 de Agosto realizámos a nossa primeira

# CABELLOS BRANCOS



## NINGUEM TEM MAIS IDADE D'AQUELLA QUE REPRESENTA

Uma cabelleira com cabellos brancos envelhece em seis annos ao homem physicamente normal, e em nove annos á mulher.

Evite V. Ex. esse envelhecimento que lhe faz perder attracção e possibilidade de exito em todas as ordens da vida, usando uma simples loção de toucador.

E' suficiente para isso que V. Ex. substitua em sua "toilette" a Loção que actualmente emprega, pela Agua de Colonia Hygienica.

# "Carmela"

applicando esta forma de fricção com suas proprias mãos e sem precauções de nenhuma especie.

CARMELA é, sob nossa garantia, absolutamente inoffensiva; faz devolver ao cabello sua cor original; louro, castanho ou preto, exactamente.

Hygienisa o couro cabelludo e extirpa radicalmente a caspa. A venda em todas as Drogarias, Pharmacias e Perfumarias.

### DEPOSITARIO NO ESTADO

Luiz PEREZ — Rua Bom Jesus 163 1.º Pernambuco

Peçam prospectos a J. L. CONDE & CIA  
Rua Visconde Itauna 65 — RIO DE JANEIRO

Contra factos não ha argumentos!!!

E' A

# Camisaria

# Especial

que melhor sortimento  
tem e mais barato ven-  
de: Camisas, Ceroulas,  
Pijamas, Collarinhos,  
Gravatas, Lenços, Meias  
e Perfumarias, Artigos  
para viagem, cama e  
mesa. × × × ×



Rua Duque de Caxias, 253 — Phone 526

## A PILHÉRIA

festa de arte com um sucesso como não esperavamos.

Todos os consócios leram trabalhos literários salientando-se em todos o amor às letras.

No domingo seguinte reunimo-nos novamente e recebemos a visita do poeta sergipano sr. dr. Chagas e Silva.

Os gremistas leram trabalhos originais como também alem do visitante os intelectuais poetas e escritores de mocidade alagoana Abeillard de França, Raul Lima e outros.

O presidente em poucas palavras saudou o visitante, tendo este após, erguido uma bellissima saudação de incentivo ao Gremio.

E este vai.

Queremo-lo assim. O nosso Gremio ha de um dia conquistar renome no Brasil literario a que faz jus pelo amor que tem ao trabalho e

pela suprema ação de elevar o nome de nossa pátria. Trabalhar sem tibieza, nem desanimo. Trabalhar com amor e com carinho e um dia al-

cançar os louros da jornada vitoriosa; e é esta a esperança do nosso Gremio.

Dioges Junior.  
Maceló.

*A quem nunca amei.*

## Triste

Deixaste-me chorando no caminho,  
Que Deus deixou para a felicidade...  
Eu me sentia um misero velhinho,  
Um Jesus Nazareno da saudade!

## Canção

Tive então a puríssima vontade  
Que desperta nos poetas sem carinho:  
Tomar trezentos mil copos de vinho,  
E bebedo rehaver a mocidade.

Porém nessa hora todas as estradas,  
Eram desertas e cheias de escolhos.  
E cobertas por rosas desfolhadas...

Por isso que eu sosinho, abandonado,  
Só encontrei frias águas nos meus olhos.  
Como prece de dor de meu passado!

6—9—927.

JOSE' PINHO.

# Fabrica Caxias

Chama a atenção dos seus amigos e freguezes para apreciarem os seus productos, especializando-se os afamados cigarros:

Argonautas — Argos — Brahma Mistura

Mistura n. 2 — Fundador — Alerta

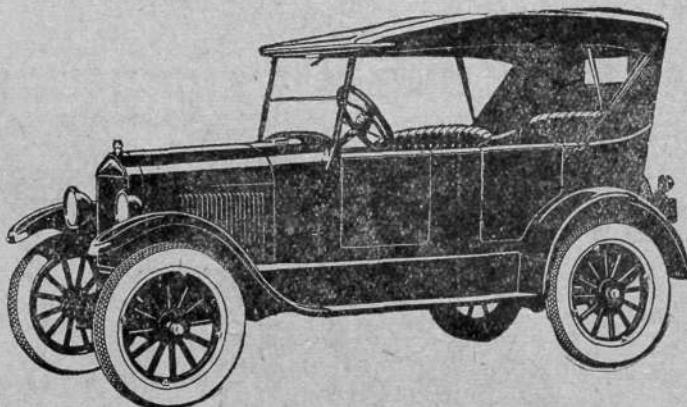
Alertinha n. 1 — Chaby — e o Bôa-Idea

que é o campeão das marcas populares

**Azevêdo & Cia.**

# Ford

O auto de mais facil direcção



e tambem  
o unico automovel que poupará o seu dinheiro, em :

Pneumaticos  
Gazolina  
Concertos  
Peças etc.

**Custa somente 4:950\$000**

Para vendas à vista e a pagamentos  
mensaes, procurem

**Oscar Amorim & C.<sup>ia</sup>**

AGENCIA

Lincoln *Ford* Fordson

Rua da Imperatriz n. 118 — Praça da Independencia 32 e 36  
RECIFE

# A EQUITATIVA DOS Estados Unidos do Brasil

Sociedade de Seguros Sobre a Vida

**Séde social -- AVENIDA RIO BRANCO, 125  
Rio de Janeiro**

**Edificio proprio**

Esta importante Sociedade de Seguros de Vida acaba de pagar aos herdeiros do falecido Amaro Marques da Silva, thesoureiro da Administração dos Correios deste Estado, o seu seguro de vida na importância de:

**RS. 10:000\$000**

Conforme se verifica no recibo abaixo:

De conformidade com o alvará expedido em 3 de Agosto de 1927 pelo exm. sr. dr. Antonio de Moraes Mello Avellins, juiz de direito de orphãos, interdictos e menores da cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco e na qualidade de procurador das exmas. sras. dd. Maria José Marques da Silva e Dorothea Marques da Silva, recebi d' "A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil", Sociedade de Seguros sobre a Vida, a quantia de Rs. 10:000\$000 (dez contos de réis) valor da apolice n. 126.820, emitida sobre a vida de Amaro Marques da Silva e ora vencida por falecimento deste; menos Rs. 442\$900, do premio differido descontado para complemento da quinta annuidade do seguro. E pelo presente, que vai sellado com Rs. 1\$000 de estampilha federal, dou á Equitativa quitação plena e geral quanto á mencionada apolice n. 126.820 entregue, a qual fica nulla e de nenhum efeito.

Recife, 10 de Setembro de 1926.

(Assignado) FERNANDO DA COSTA E SILVA

Como testemunhas: JOÃO RABELLO.

M. NOGUEIRA LIMA.

Estava sellada com uma estampilha de mil réis e as firmas reconhecidas pelo tabelião dr. Adalberto Maçães.

NOTA — O segurado Amaro Marques da Silva fez o seu seguro em 30 de Março de 1923, tendo contribuído até seu fale-

cimento com a quantia de Rs. .... 4:429\$000 (quatro contos quatrocentos e vinte nove mil réis).

**Pecam prospectos e informações aos seus agentes ou a**

**SUCCURSAL EM RECIFE**  
**Avenida Rio Branco, 50--1.<sup>o</sup> andar**  
**SALA N. 2**

**PHONE, 1926** **CAXA, 307**

Endereço telegraphico EQUITAS

Recife, 24 de Setembro de 1927

Impressa nas officinas graphicas do "Jornal do Recife".

Director - Porto da Silveira

Redação e escriptorio  
Rua 15 de Novembro n. 331 -- 1.º and.

Secretario - Célio Meira

## O Papão...

Desde menino,  
que ouço fallar num tal "Destino"...

a principio,  
eu pensava  
que elle era um velho barbado e carrancudo,  
que levava num sacco, o menino que chorava  
ou que bolia em tudo!...

.....  
hoje, homem feito,  
— e que tristeza eu sinto! —  
vêjo que para a gente toda, o tal "Destino",  
(que tolice)  
é a pedra philosophal,  
o labyrintho,  
a intermina esperança,

que muitos por mediocridade,  
deram-lhe o nome de "Felicidade"...

.....  
— bem que eu tinha razão,  
quando creança,  
pensando que o "Destino" era um papão!...

e agora, quer passe ou não por minha porta,  
sorrio,  
fico bem quieto como um bom menino!...

.....eu tenho tanto mêsco do sacco do "Destino"!.....

## FARRAPOS

Estou convencido de que os genuinamente prosadores têm razão quando detestam os versos, especialmente os versos futuristas, porque o futurismo é a guarda avançada dos analfabetos.

Efectivamente devemos passar uma borracha no passadismo para brilharmos com o valor de uma literatura nova, sentimental.

Convém não confundirmos Escola Moderna com futurismo.

A Escola Moderna é um combate heroico e decisivo às velharias dos nossos escritores e poetas. E' o chique. E' a elegância. E' o sentimento na liberdade de pensar sem que nos prendam as cadeias do classicismo.

O futurismo é a confusão... E' o que se não comprehende!

Mas... os prosadores têm razão, franqueza, porque qualquer vulgaridade quer ser poeta.

E para isto não é preciso fazer versos. E' bastante usar bandó à Fernando Griz!

Existe no Brasil o que podemos chamar poetomania.

A tendência é esta: ser poeta.

E' o admirável. E' o que seduz. E' o que fascina.

E quem não nasceu poeta vai arranjar um meio de o ser.

E' fácil.

Manda qualquer almofadinha da rua Nova fazer uma versalhada por uns cinco mil réis e zás... publica a tal "beleza".

Terrível mania!

Si houvesse a mania de plantar batatas, o Brasil seria mais rico.

Em Pernambuco há esse desejo de qualquer rapazola querer branca o poeta.

E' até ridículo.

Sabe o amigo porque existe a tal poeto-mania?

Ah! E' simples!



E' porque as garotas melindrosas são doidas por esses gajos de cabeleira grande que publicam poesias à la garçonne, empoadas, que admiram as pernas de Mme. X e cantam os seios e os braços de mille. Fútingue.

E quem não quer ser querido pelas meninas modernas!

Eis a razão de tantos poetas existirem no Brasil, poetas que fazem versos e poetas que compram versos.

O pior, é que a tendência

## CABELLOS

UMA DESCOPERTA CUJO SEGREDO CUSTOU 200 CONTOS DE REIS

A "Loção Brilhante" é o melhor específico para as afecções capilares. Não pinta porque não é tintura. Não queima porque não contém saes nocivos. E' uma fórmula científica do grande botânico Dr. Cround, cujo segredo foi comprado por 200 contos de reis.

E' recomendada pelos principais Institutos Sanitários do estrangeiro e analysada e autorizada pelos Departamentos de Higiene do Brasil.

Com o uso regular da "Loção Brilhante":

1º—Desaparecem completamente as caspas e afecções parasitárias.

2º—Cessa a queda do cabelo.

3º—Os cabellos brancos, descolorados ou grisinhos, voltam à cor natural primitiva sem ser tingidos ou queimados.

4º—Detém o nascimento de novos cabellos.

5º—Nos casos de calvície faz brotar novos cabellos.

6º—Os cabellos ganham vitalidade, tornam-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.

A "Loção Brilhante" é usada pela alta sociedade de São Paulo e Rio.

A venda em todas as drogarias e perfumarias e farmácias de primeira ordem.

Alvim & Freitas, cessionários da Caixa Postal n. 1379.

baptizarem-se com o nome de poeta até os irracionais.

Que coisa terrível! Que absurdo!

Conheço uma senhora que que pôs o nome de "poeta" num cachorro que ela cria.

Muitas vezes fico revoltado, de orelhas quentes, vermelho de raiva, colérico, doido mesmo!

E tenho razão sobreja.

E justamente na hora em que passo pela frente de sua casa que o maldito do cachorro anda pela rua e a senhora está a chama-lo:

"Poeta?... " "Poeta?..."

E quantas vezes eu olho pensando que ela me chama!

P. A.

QUANTO se padece na vertigem dum segundo!

As horas amargas e tristonhas são mais profundamente assinaladas e sentidas.

Os momentos ledos e alegres são rápidos e fugazes...

A alma humana parece possuir dentro em si um calvário que se eterniza...

A recordação de uma alegria é fraca e quasi imperceptível.

A evocação de uma dor é nítida e perfeita.

O sér humano se acorda de deante da dor.

Bemditos sejam todos aquelles que sabem sofrer com apimo imperturbável e suprema resignação!

São os fortes, aquelles que se não arreiemam do espírito da dor.

Nada existe de mais santo e intemerado na existencia do que uma lágrima, quando fielmente traduz, representa, significa e symboliza uma dor sofrida!

Alexandre Herculano, no admirável livro "Eurico, o Presbytero", bemdi o Senhor porque nos concedeu a faculdade de chorar.

O pranto, de facto, retémpera e vivifica o espírito!

O rocio por elle fornecido concorre para vicejar a floriente da consolação.

As horas tristes e soturnas sobrepujam, imperam e dominam o horário da vida...

Alceste Fróes.

# Olinda a Legendaria Marim

Na vida selvagem, tão proxima da natureza, onde a conveniencia e os costumes não reprimem os movimentos do coração, o sentimento é uma flor que nasce como flor do campo, e cresce em algumas horas com uma gotta de or-

zendendo profundo: Oh! linda situação para uma cidade!

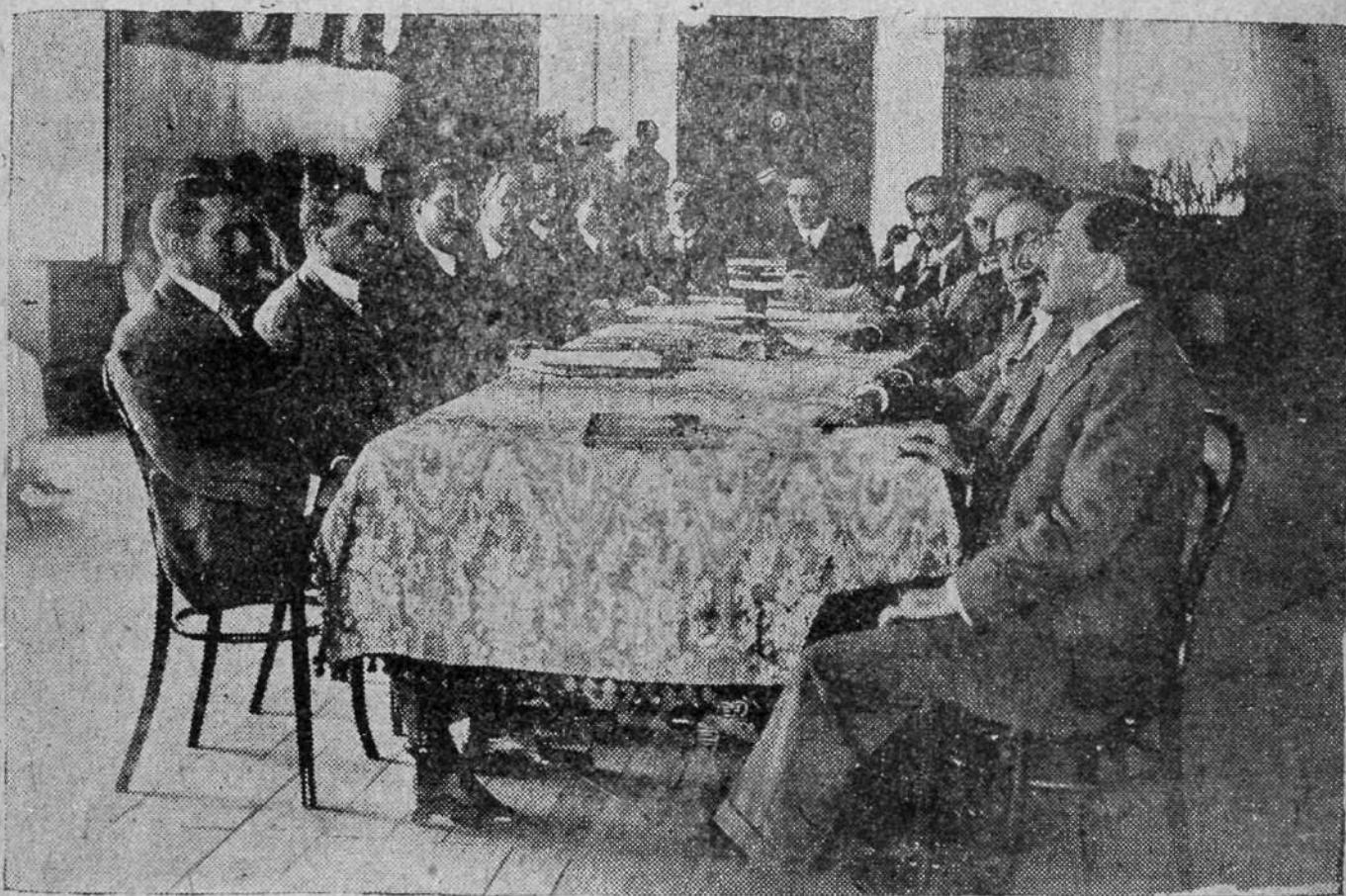
E a invicta Marim dos Tabayares transformou-se em Olinda civilizada!...

Hoje, Olinda, encantadora cidade, regorgitando de inúmeras edificações pomposas, obedecendo às indumentárias mais estheticas e também humildes e singellas, doada com quatro praias,

phitheatros de esplendor, magnificencia e poesia...

E' que em todas existe o encanto dos coqueiros e das palmeiras, o tumulto do mar, a poeira auriflúgente da luz e a argentea claridade de Diana e a graça esvoaçante das mulheres.

Sim, das mulheres, porque Olinda possue bellas e en-



valho e um raio de sol.

J. de Alencar.

Marim, a formosa taba dos Tabayares, cercada de palmeiras e coqueiros; Marim a humilde cidade da plaga americana, com seu governo, com sua religião, com seus costumes, com suas tradições, situada á beira do oceano, foi o logar que Duarte Coelho escolheu para fundar a capital da Capitania, tendo em vista a surpresa que lhe causou o aspecto encantador e magestoso e fa-

Aspecto da meza da junta administrativa do Hospital Portuguez, reunida no ultimo domingo para conferir o premio de virtude.

— — — — —  
cada qual mais aprazivel, é o refrigerio daquelles que buscam saúde, prazeres e aventuras:

Milagres! Carmo! São Francisco! Pharol!

Qual a melhor?

São, todas entretanto, am-

cantadoras sereias que encantam e divinisam o deslumbramento de suas praias.

Olinda! Quantas recordações memoraveis faz-me recordar o teu nome!

Olinda! Quanta tristeza eu sinto em ver-te despresada no inverno!

Olinda! És para mim a prima dona do verão e a rehabilitadora de energias gastas, de nervos excitados e de espíritos desprovidos de ideias!

A. PEREIRA DE MELLO,

## UM GOVERNADOR DE TENDENCIAS

“Eu via despertarem-se meus grupos de sensações, anotava-os, descrevia-os aceitava minha espontaneidade... Doce logica a da intelligencia. Da intelligencia que tem uma expressão propria, como sentimento, uma nota pessoal, como arte. E' a psychologia magnifica de Barrés — o sereno exclusivista da alma. Mas a sua arte, embora egoista, não chega nunca a psychologia sexual de Maurie Rollinat, em suas **Nevroses**. Elle conhece as suas faulades, o vago de suas apereções, o complexo doloroso de sua ambiencia. No entanto, não se narcisa com o pessimismo agudo de desenganos subtils, nem se deixa levar na hysteria dolorosa de lamentações amargas. Isola-se dos interesses da ambiencia que o cerca em restrições quotidianas. Limita-se ao conhecimento exclusivo do **Eu**. Eleva-se como um dissidente que o é nas barricadas espirituais de **Um homem livre**. E desdobra-se com a mesma independencia disciplinada em “Vallée de la Moselle”... Da privacidade cortante da ironia que humanizou Simon, vae à espiritualidade amena que creou Berecine.

Escandalizou a serenidade de Doumè e lançou na prosa terça do critico Desjardins penumbra de reticencia. Mas não se perturbou. Seguiu com

•••  
a mesma simplicidade os enunciados interiores de sua alma, sem desvios, nem fadiga.

Na suavidade de seu egoísmo ha inflexões indefinidas de belleza, acariciante e fluída, todo um sabbat de nervos e imaginação. Em sua presa, que é toda uma auto-observação, ha esquisitices tão suaves, confissões tão simples, harmonias tão intimas, como se ouvissimos os rythmos immateriais de uma symphonia de Franck.

Mas, coisa admirável, no individualismo de sua arte, nos menores detalhes de sua personalidade, não ha o desenfreadamento do egoísmo, que nada accita, nem notas fortes de uma sensibilidade blasée, que por tudo treme.

O fasto decorativo do exterior, na complexidade polymorpha de sua belleza, não se insinua em sua arte. Elle pode pintar esta belleza physica, não como modelo, mas como uma caprichosa e indiferente impaciencia de sua sensibilidade. Espreguiça-se, então, com um bocejo de tédio, sobre a Lorena, olhando-a no coração ou sentindo-lhe o espirito autochton. Alonga-se mesmo sobre as paysagens, commenta os costumes, analysa os caracteres. Mas a nota pessoal, branda, suave e limpa brilha por toda parte, com uma flo-

racão uniforme, medida igual, como em certas zonas serranas. Elle parece que achou o absoluto, que tanto impressionara Balzac. Ainda assim não tem as asperezas deste.

Nem as provas que Paulhan enfileirou, nem as dores que Péladan catalogou em seu **Vice Suprême**, para as tortuosas emoções do egoísmo, servem para definir-o ou caracterisal-o. Está fora da medida classica dos observadores. O pequeno mundo de detalhes, que pululam na compressão dos factos e ulceram em grandes viejos a pureza universal da Vida, encolhe-se, diminui-se e esgarça-se na serena imunidade de seu individualismo.

O seu estylo, cheio da vida intensa de suas emoções, é de uma espiritualidade que encanta, pela suavidade da synthese breve e clara.

Barrés estuda-se, apalpa-se, conhece a sua sensibilidade, como nós conhecemos as nossas mãos. Mas nas suas formulas intimas, não se atavia com os cartões, as lembranças, as notas de exhaustiva mnemotecnia...

E com toda a philosophia de seu egoísmo, nuncá chegou a dizer:

“Amis, nos chants sont tristes”.

BARROS LIMA.

## Palavras do sonhador

Desde creança eu sou contemplativo e triste,  
Mão grado este esplendor que os gestos me acom-

panha,

Porque quiz encontrar um bem que não existe  
Senão no mundo irreal do Sonho ou na Arte estranha.

Em pensamento, heróe, ergui-me e, de arma em riste,  
Entrei por nobre amor na mais rude campanha.  
Como o manchego sou sonhador que viste  
De elmo partido após os revezes da sanha.

Entretanto, quando eu humilhado e vencido,  
Abysmado no pó, como Icaro tombava,  
Abandonado, vendo o meu sonho perdido,

Logo um sonho maior com a candescia da lava  
Me erguia e, em outra vez, pelo meu sonho erguido,  
Inatingido Ideal por te attingir, luctava.

**Augusto  
Rodrigues**



0

# Questionario d'A PILHERIA

**Uma duzia de per-  
guntas  
innocentes**

As  
respostas  
do  
**Dr. Amaro  
Pedrosa**



1.º — Está inclinado ao perdão ou ao esquecimento das offensas?

— Não. Nunca perdão o mal que me fazem. Por uma questão de atavismo, talvez, pois que descendentes de hespanhóes, só esqueço as offensas de pois de vingal-as serenamente e, como os meus remotos antepassados, goso com deleite a vingança fria, dura e inexorável. Além disso, não admitto no homem os sentimentos de mizericordia; repugnam ao meu temperamento, à feição íntima de meu carácter. Sou o mais cavalheiro dos inimigos. Nunca persigo ás occultas o adversário; mas, em se me deparar a primeira oportunidade, ninguém confie na minha magnanimidade ou mizericordia, porque sou inexorável na vingança. E tudo isso o faço quasi mecanicamente, arrastado como que por uma força estranha, de que não me posso furtar; é a alma do castelhano que actua...

2.º — Acredita no destino?

— Absolutamente. Desconheço o destino porque as nossas ações são, unicamente, o resultado de um conjunto de circunstâncias, quasi sempre dependentes de nossa vontade. Salvo o absoluto, o homem faz o que quer; a questão é saber querer.

3.º — Como olha as casas de chá?

— As casas de chá são um mero producto da época e nada significam para a sociedade.

Entretanto, frequentando-as, aprende-se certa psychologia humana de que não tratam os volumosos compêndios da ciência.

Quando entro em uma casa de chá, tomo sempre posição de quem estuda. Aquillo é um campo de experiência que impolga pelo imprevisível das descobertas... E nada mais me deleita o espírito que o penetrar na alma humana, suavemente, como um fluido... Não obstante, pouco se me dá que seja também objecto de estudos...

4.º — Qual é o mez de sua sympathia?

— Não tenho qualquer sympathia pelos meses e muito menos pelos dias. Gosto, porém, das estações quentes. Sou nortista e, como tal, só passo bem quando a canícula caustica o solo, num esplendor de fornalha. O frio faz-me horror e embota-me a sensibilidade. Afeito ao clima do nordeste brasileiro, que é o meu paju, amo, assim, os mezes de Novembro a Janeiro, quando mais vibram as minhas actividades e os meus nervos, ao reverbero de um sol carburente e tonificante.

5.º — Qual a influencia do automovel nos casos de amor?

— Nenhuma influencia tem o automovel nos casos de amor, porque o amor para explodir com o cortejo formidável de suas consequencias, não precisa de meio ou de instrumento. Explode em qualquer momento, em qualquer parte, em qualquer região, qualquer que seja o vento ou a es-

tação, qualquer que seja o local ou a posição dos amantes. Entretanto, é, não há contestar, um explendido auxiliar, maximé, quando dirigido pelo próprio... amador.

6.º — E' exagerada actualmente, a moda das mulheres?

— Absolutamente. Na mulher tudo vai bem, o que vale por dizer que não há para ella exagero.

E' commun falarem das mulheres, pelos seus cortes... o do cabello, o dos supercilios, o das saias e o das mangas. Mas, com franqueza, não sei coisa mais linda que a moda de hoje.

Uma catelleira revolta e umas saias curtas, dois labios sangrentos e umas sobrancelhas em risco, um collo rasgado em lozango e uns braços nus, ao vento, tudo isso num corpo flexivel e solto que não anda, colleia, ondula, como as serpentes, entre tecidos finissimos, de neve, fazem da mulher o que ella deve ser effertivamente. E nunca pensei de outra forma; mesmo casado exigí sempre de minha mulher esses requintes de formosura e graça.

Ha maridos que têm horror de suas mulheres quando são vaioadas e querem acompanhar a moda. Contrariam-lhes a cada momento o gosto, exigindo yezes muitas absurdas e modificações no trajar que revoltam. Mas, os que assim pensam e agem só revelam uma unica coisa: a falta de confiança em si mesmo. Não é nas esposas, repito, é em si mesmo...

Além disso, a honra da mulher está na alma, e não nas vestes.

7.º — E' supersticioso?

— Não, porque, como já ficou dito, não creio no destino. Não ha no mundo forças extranhas que possam impedir a accão humana, quando bem dirigida pelo rumo: **quero**.

8.º — Qual é a influencia do cinema na sociedade?

— Nenhuma. O cinema é, como a casa de chá, o "the ball dancing" um producto da época, nenhuma influencia podendo ter na formação da sociedade, salvo as oriundas do gosto artístico.

9.º — Que pensa do divócio?

— O divócio é e continua ser a condição sine qua non da harmonia do lar, nos países que o adoptam. Sem elle o casamento seria o maior crime da civilização friamente praticado contra os seus próprios membros. O Brasil não pode continuar a repugnar essa medida de ordem e de respeito à família. Para a constituição de uma nacionalidade fortemente enraizada ao solo patrio e às instituições do paiz, tanto é necessário o casamento, como o divócio. Se o casamento une interesses e legitima uma prole, o divócio prepara a união de novos interesses, legitimando e permitindo novas proles.

10.º — Como desejaria passar o tempo?

— Esmagando e construindo, numa ansia formidável de transformação ou de reconstru-

ção. E mais não digo, por causa da lei Toledo... 11.º — Deus, como supremo criador de todas as coisas, teria errado alguma vez?

— Deus não creou coisa nenhuma e, por isso, em nada errou. Somos porque somos e não porque alguém o quiz ou fez. Não obstante creio em Deus. O que não posso permitir é que Elle tenha se ocupado connosco e que procure intervir no mundo, como querem as religiões. Deus é a **Suprema Lex**; preside a evolução dos mundos e não dos seres. Subordinado a nossa vida, é atentar contra sua omnipotencia. E por assim pensar é que não Oro e não O invoco nas minhas accções. Na vida confio tão somente em mim mesmo, e nunca me arrependi de ter sempre pensado assim.

12.º — Qual é a qualidade que prefere na mulher?

— Todas as boas qualidades são necessarias na mulher. Entretanto, a cultura e a intelligencia são os dotes que mais me prendem. Quando confronto uma mulher assim, que fala sabendo falar, que ri sabendo rir, não vejo mais nada; tudo é bello, tudo encanta, tudo impõe, tudo... tudo é graca. Sou, por natureza, um amoroso, um sentimental, a moda antiga. Amo a mulher mais pelo seu espírito, pela sua intelligencia, que pela sua carne.

E, talvez, nesse modo de pensar, haja ainda um pouco de atavismo. Sou como os hispanóes, portador de sentimentos cavalherescos, rendendo culto sincero às qualidades finas do espírito e aos reavintes da intelligencia fuligine. Rosalina Coelho Lisboa é uma das mais lindas mulheres do Brasil e, entre nós, Sylvia Moncorvo exerce uma incontestável soberania entre as bellezas da cidadão. E' que elas são mais espirito que carne.

E, quando ouço uma mulher, mesmo bonita, a dizer asneiras, tenho impetus de... esganá-la...

**Amaro Pedrosa.**

**Responda-nos o dr. Samuel Campello**

1. — E' inclinado ao perdão ou ao esquecimento das ofensas?

2. — Acredita no destino?

3. — Como olha as casas de chá?

4. — Qual é o mez de sua sympathia?

5. — Qual é a influencia do automovel nos casos de amor?

6. — E' supersticioso?

7. — E' exagerada actualmente, a moda das mulheres?

8. — Qual é a influencia do cinema na sociedade?

9. — Que pensa do divócio?

10. — Como desejaria passar o tempo?

11. — Deus, como supremo criador de todas as coisas, teria errado alguma vez?

12. — Qual é a qualidade que prefere, na mulher amada?

Estão noivos o sr. Alberto Bezerra Cavalcanti, do commercio desta praça e a gentil mle. Corina Pessôa filha do sr. Arthur Pessôa e d. Francisca Pessôa.

\*

Realizcr-se-á amanhã, em Bezerros o enlace matrimonial do estimável cavalheiro sr. Eugenio Velloso da Silveira, auxiliar de cathegoria

da Companhia Fabrica de Estopa, com a prendada senhorita Maria do Socorro Caldas, dilecta filha do sr. coronel José Caldas Sobrinho, collector federal e da exma. sra. d. Maria Caldas. Serão paronymphos do noivo no civil o coronel Bruno Velloso e esposa e da noiva o sr. Aprigio Velloso da Sil-

veira e esposa e no religioso por parte do noivo o coronel José Caldas e esposa e por parte da noiva o dr. João Prudencio de Souza e senhora.

Os nubentes virão para esta cidade no comboio do horario da Great Western, naquelle dia indo residir na rua Floriano Peixoto 628.

# Verão!, Olinda

Emoções dos primeiros raios do sol sobre as aguas.

Jangadas dispersas pelo mar.

Ondas leves; sem espumas.

As folhas dos coqueiros dansam o bailado da vida é da voluptua.

A alegria dos veranistas une-se á delicia da natureza festiva.

Ha scintillações em todos os olhares.

Passam as nereidas, risonhas, felizes, em requebros seductores, vaporosas e lindas...

As mulheres fascinam pelos gestos de deusa, tão primorosamente estudados ao espelho.

Mile, está pensativa, envolta em seu roupão azul, muito branca, muito loira, e, de momento a momento, escreve um nome na areia...

Cautela, sonhadora, caute-la, o Dr. M. F. é noivo de uma linda menina!

E o mar indiferente, recebe corpos mornos ainda, pela tepidez dos leitos.

Praia dos Milagres.

Ouço alguém falar na festa das Margaridas...

Não desejo ter um espirito indiscreto.

Affasto-me cautelosamente e tomo rumo ao Pharol.

Com ares de quem é intellectual, olhando as ondas, serenamente, está o Jarbas Peixoto apoiado a sua magnifica bengala.

Mais adiante surgem trez vultos de graça — milles. Conceição Peres, Albertina Uchôa e Lucia Machado.

Vejo um enorme tubarão humano...

Será o Marcondes?

E, toda de rubro, qual rosa vermelha, banha-se alegramente a Dalila das Flores,

.....

Na retreta.

Esplendor, mocidade e beleza.

O Carmo se reveste de uma animação colossal.

Flirta-se á vontade dos olhos.

Este verão tem trazido tantas cousas sublimes!

Que acha milles. Originalidade?

A sua capa de gabardine por exemplo...

Está com frio?

Espere um pouco, o seu coraçãozinho já se esquentou...

Sento-me á uma banca, e, enquanto saboreio um delicioso creme, aprecio o movimento que aumenta cada vez mais.

E passa por mim um grupo todo risonho, cujo perfume suave me perturba os sentidos.

Hilton Botelho, não conquiste assim a garota de encarnado...

Que lindas pernas tem ella, hein?

A musica executa alguma cousa boa.

Todos se divertem embriagados pelo prazer.

Deus! o Fernando Rodrigues como está a namorar a pequena alheia...

Mile, é noiva; eu a vi outro dia no cinema, muito unida ao zinho...

Que caso serio e complicado Fernando!

A noite está divina.

Sissone, quem é aquelle moço tão elegante, que está na banca das gazoas?

Como vem linda na sua simplicidade distinca, toda de branco, divina como um lyrio, Nocemi Gonçalves!

E em sua companhia, passariam deslumbrantes milles. Julia e Candida Carvalho.

Numa alegria triumphantte, vem Gizela Gomes, toda de roseo, em magnifica toilette, convencida de que é bella, porque o é realmente.

Eunice tambem é interessante e tem uma alma de anjo!

Passa o vulto moreno de Nathalia Crasto e passam muito amigas, sempre faceiras, milles. Carolina Pinto de Lemos e Antonietta Penante.

Brilham ainda, encantadoras, mimosas, verdadeiras flores de verão, milles. Angelina Lobo, toda de verde como uma esperança, Evan Lius e Silva, Isaura Salgado, Maria José Campello e Maria José Queiroz, Constancinha Botelho e Carlotinha Cesar.

De longe tambem se avista muitas cousas...

Sr. Arlindo Gibson, approxime-se, não queira ser egoista, guardando para si, aquillo que muita gente gostaria de apreciar...



## A PILHÉRIA

Não tenha receio; ninguém vai ronbar-lhe o precioso thesouro...

O Carmo está cheio de piratas terríveis: — o Elias Modesto, o Dr. Arnaldo Guimarães, o Antônio Guimarães Filho, ... Olympio Moura...

Este moço, apesar dos

seus cabelos grisalhos, não tem ainda julzo!...

E' singular!...

Alguém, ao velo, fazer a corte à uma senhorinha, diz entre um olhar de perfídia e um riso de ironia: "Tempos novo casamento desmanchado!..."

Ora, Olympio, vá dizer

missas em outras freguesias!

E' melhor deixar em paz o coração da moça...

A retreta termina.

Eu conheço muita gente que vai dormir com saudade...

Olinda — 18 — 9 — 27.

## Pau d'Alho em Festas

•

Realisou-se no domingo (11) do corrente mês, na chacara de verão do coronel Syndolfo Santos, grande industrial e abastado capitalista em Pau d'Alho, uma atraente e encantadora festa que, pelo seu caráter tornou-se pouco comum.

Ao trém do horário que faz o percurso de Brum à Parahyba, foi atrelado um "wagon" de primeira classe, conduzindo muitas famílias de nossa alta sociedade.

Na estação de Pau d'Alho, as famílias de maior distinção ali, aguardavam a chegada da caravana que para lá se dirigiu. E, nessa ocasião, uma banda de música tocou à chegada dos convidados.

Depois de pequeno descanso, os convívios foram a matriz de Nossa Senhora do Livramento, onde foi celebrada uma missa solene em ação de graças à exma. sra. d. Adalgiza Santos, digníssima consorte do coronel Syndolfo Santos, em virtude de uma intervenção cirúrgica que se submetterá, há 2 meses, no Hospital do Centenário.

Após às missas, os presentes, dirigiram-se à confortável vivenda d'aquelle industrial, onde receberam carinhoso e captivante acolhimento. Mais tarde, à sombra de frondosa mangueira, foi estendida uma longa mesa sortida de bolinhos e café para os convidados.

Em seguida, uns declamavam, outros batiam chapas photographicas e num dos cantos da sala, o magnífico "Jazz-Band Internacional", sob a regência do engraçado e competente professor He-

\* \*



O sr. MANOEL MARKMAN, cujo aniversário transcorre no próximo dia 8.

noé, largava seus assobios, chétes e gargalhadas estridentes.

A 2 horas da tarde, teve lugar lento almoço, durante o qual, dominou a maior cordialidade.

Mimosas e delicadas senhorinhas que à mesa estiveram em lances de verdadeiras fadas, davam o maior realce e brilho à essa esplendida festa.

Ao espoucar da champaña, o coronel Syndolfo Santos recebeu vários brindes, dentre elles, o do intelectual Rubem Pessôa, que o saudou com palavras bem repassadas, meigas e confortantes.

Foram, depois, iniciadas as dansas ao som do jazz, que se prolongaram até alta madrugada, tendo decorridas debaixo de harmonia e graciosidade de todas as senhorinhas.

Ao distinto casal, Syndolfo Santos, reiteramos o nosso frízante reconhecimento e ao mesmo tempo, apresentamos nossos votos de intira felicidade.

\*

Registrhou, em dia desta semana, sua festa natalícia, a mimosa Eurice, encantadora filhinha de nosso distinto amigo sr. Eugenio Barreto e sua exma. esposa, d. Emerita Barreto.

A galante nataliciante recebeu muitos parabéns,

Li há bem pouco um apolo-  
go de Machado de Assis e o  
achei de um interesse encan-  
tador e sobretudo de uma fla-  
grante applicação na vida de  
cada individuo. E' o da linha  
e da agulha.

A linha acha-se de rara im-  
portância por com elle serem  
feitos todas as vestimentas e  
a agulha orgulha-se de ir na  
frente da linha abrindo-he ca-  
minho para que elle possa des-  
empenhar a sua missão alta-  
mente utilitaria.

## Em torno de um apolo- go

\* \* \*

Uns são os burros de car-  
ga, os outros os bezerros de  
ouro. A dona da casa recebe  
sempre dos comensaes as alvi-  
caras pelas apetitosas iguarias  
apresentadas á refeição e cuja  
responsabilidade cabe exclusi-  
vamente á incognita e muitas  
vezes renegada cosinheira.  
Tem sido sempre assim. E  
após lêr o apolo- do grande

nós vamos na vida abrindo ca-  
minho a muita linha ordina-  
ria! Achei que elle tinha razão.  
Tambem eu poderia exclamar  
assim. E como nós, muita gen-  
te.

Recife, 9/9/27.

PEREIRA JUNIOR

— — —

## Uma ironia do Bacon

JAYME I acaba de rece-  
ber, pela primeira vez, um

No  
Col-  
e-  
gio  
Pryta-  
neu



Discutem ámbas sobre qual  
dos dois misteres o mais digni-  
ficante, o mais honroso.

E' sempre assim na vida das  
massas — uns servem de li-  
nha e têm o caminho aberto  
pelos outros que são as agu-  
thas.

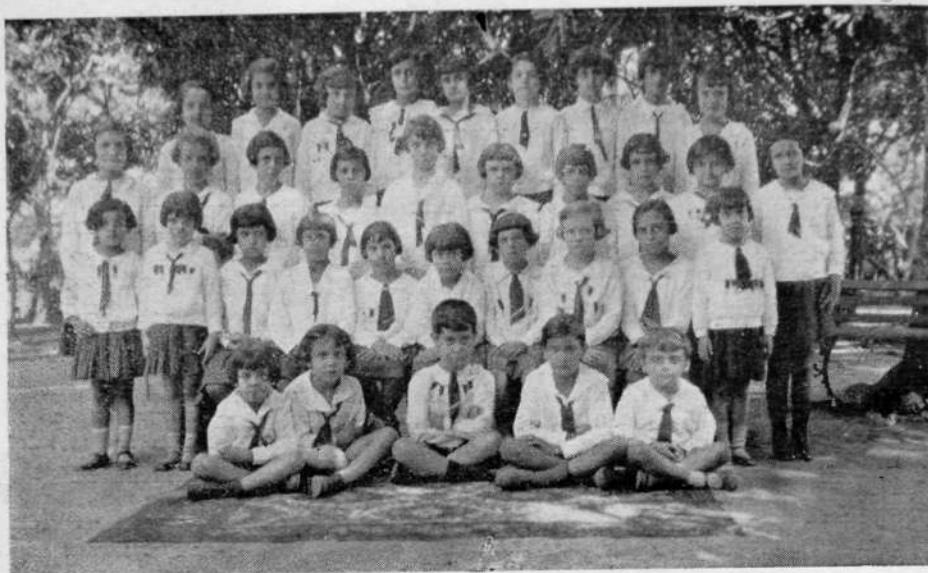
Uns trabalham e se esfor-  
çam, preparam o terreno a  
quanta empreza alevantada i-  
dealisam para outros delle se  
utilisarem colhendo os louros  
de uma victoria que jama's  
lhes pertence.

Machado, encontrei-me com o  
meu amigo — amigo verdadei-  
ro — o distinto moço Alarico  
Negromonte que dirigiu por  
algum tempo o jornal a *Gaz-  
za de Nazareth*, transforman-  
do-o por completo com a sua  
pertinacia de trabalhador acti-  
vo e com a sua intelligencia de  
escol, num semanario digno  
daquella lôa terra. Contei-lhe  
o apolo- que elle tambem não  
conhecia. Encontrou nelle mui-  
to vigor e exclamou entre in-  
teressado e satisfeito: "Sem  
que o sa'bamos, meu amigo,

embaixador de França, o  
qual unicamente era notável  
pela sua elevada estatura.

— Que vos parece o novo  
embaixador? — perguntou o  
monarca ao celebre chan-  
celler Bacon.

— Que vos direi, senhor? respondeu o chanceller. Te-  
nho observado que, frequen-  
temente, esses homens tão  
altos são como os predios de  
muitos andares, em que o  
ultimo é sempre o peor mo-  
biliado.



S e r  
e s p e  
D' A P I



no  
edu  
da

Col  
Euc



OS  
an-  
OS

i c o  
c i a l  
H E R I A



gio  
aris-

0

Manuel Monteiro é um espirito adoravel.

Formado em direito por nossa Faculdade, da sua sciencia n'unca fez meio de vida, talvez por julgar o direito... uma cousa muito torta.

De seu tempo de imprensa nada restam que amargas illusões. Nunca o jornalismo lhe deu outra cousa alem da assignalada passagem por entre um calhamago de notas, umas phrases gravadas em papel que o publico nem sempre respeita, na sua inconsciencia do que representam as ideias de um litterato, de um jornalista, de um sociologo.

Foi poeta, ao tempo em que Adelmar Tavares, Paulino de Andrade, fasiam trovas á porta das pequenas, queridas ao som da viola do Paulino que, diga-se para sua gloria jamais ovidou o pinho.

E Manuel Monteiro, o bachel em direito, o jornalista o poeta hoje é outro homem. Faz fitas, quer dizer, vive a filmar paisagens de sua terra, porque diz elle que em litteratura, de nosso nada possuimos que a pen-

## Manoel Monteiro

na archeologica do Mario Melo não tenha transportado para os infolio do Instituto, tudo bem immunisado, para desespero das traças e aborrecimento da poeira dos tempos.

Demais a epoca é do film. E Manuel Monteiro tem bastante intelligencia para perceber o caso tal qual, em verdade elle se representa.

Ora, uma creatura assim, colleando entre as fragas da vida, ansioso por encontrar uma cousa em que sua inclinação se espraiasse a melhor contento, haveria de saber alguma cousa de mais. E o sabe.

E' elle um impagavel contador de historias verídicas e inventadas. Eu gosto imenso de o ver narrar peripécias e cousas de que sempre está ao par.

Achei interessante esta que se segue.

\*

Um cidadão, que estivera em negocios no centro da cidade, teve que esperar um bond, para ir ao almoço.

Ao pé do poste da Tramways estava quando de si se approxima uma pobre velhinha, que lhe pede uma esmola.

Mão ao bolso e nota que possue uma cedula de ... 20\$000 e um nickel de 200 réis.

Ia tomar o bond circular. Poderia muito bem dar cem réis á pedinte ficando com o outro para a viagem, sem trocar sua cedula. Nesse proposito perguntou á velhinha que lhe arranjasse os cem réis como troco.

— Ora, meu senhor, não terho aqui nem um vintem.

— Pois, minha velha, volte-lhe o cavalheiro, eu não lhe posso dar os dusentos. Tenho que tomar o bond.

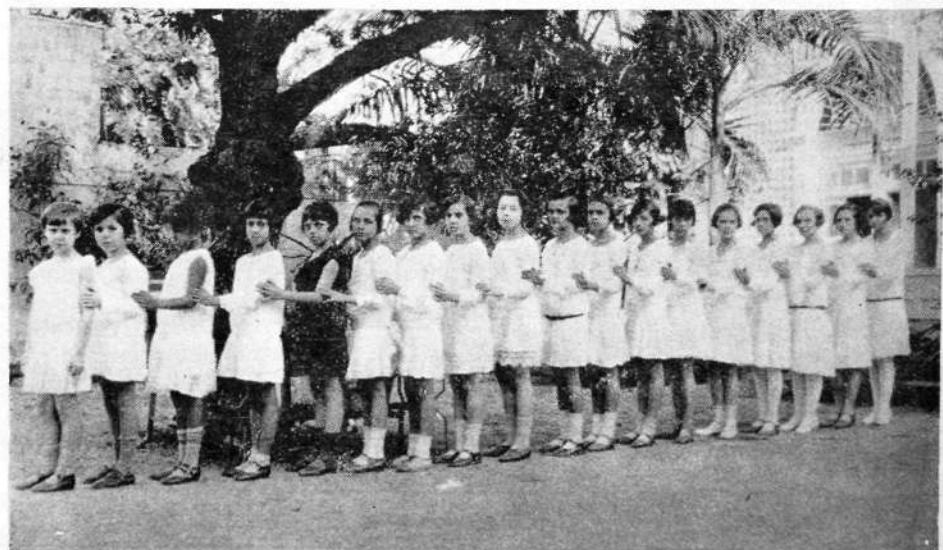
Perdoe-me, por esta vez.

É a pedinte, balanceando a cabeça:

— Sim senhor: Como desgraçado estã este nosso Pernambuco. — Até para se pedir esmola é preciso dispor de capital.

MANE' CHIQUE-CHIQUE.

No  
Collegio  
Plytaneu



Numa rua muito cheia de sol, movimentada, da tumultuaria e trabalhadora New-York, á hora suave do almoço, Raphael de Athayde andava á caça d'uma criatura feminina, que fosse, como uma flor magnifica, enfeitar a mesa de sua refeição.

Não esperou muito. Não se espera muito tempo por uma mulher, em New-York...

Uma seductora new-yorkina, no seu andar imponente, proprio dos americanos do norte, passou e o envolveu na risonha claridade de seus olhos garcos.

Sorriram-se ao mesmo tempo. Raphael seguiu-a fascinado, bendizendo sua sorte, esse aureo pendor para todas as mulheres bonitas, essa rara e invejavel inclinação, que é afinal de contas, uma ruidosa victoria de seu alegre viver cosmopolita.

Alguns minutos passados, alguns metros percorridos, e o dialogo se fez, melodioso, n'uma linda vespera de idyllo:

— Para aonde vae, ás pressas, "my darling"?

— Vou almoçar.

— Posso convidala para almoçar commigo

— Sim... Que prazer!

— Escolha o restaurant.

— Restaurant "Astor".

E foram ao restaurant indicado por aquella formosa americana, uma das incontáveis sacerdotisas da poderosa religião do dollar...

Sentaram-se á mesinha florida que o garçon lhes indicou, maneiroso. Uma orchestra finissima tocava um jazz-band.

A perturbadora criatura escolheu, no menu, pratos caros e pediu vinhos deliciosos, gelados, proprios para aquellas iguarias.

O dialogo da rua, interrompido por uns apertos de mãos avidas e insaciaveis, renasceu

## Um almoço logrado

Para Velho Sobrinho.

joyial, n'um tom de intima confissão:

— Seu nome, "my darling"?

— Katy

— E o seu?

— Raphael.

— De Lamartine?

— Não. De Athayde.

— Nome Indo... Raphael... é pintor?

— Não. Sou coleccionador de amores...

— Eu colecciono autographos...

— Onde trabalha, Katy?

— N'um escriptorio, á rua 72. Sou dactylographa. Saio ás 5.

— Lá estarei a essa hora. Jantaremos juntinhos, aqui mesmo, e depois dansaremos, no Montmartre, um lindo fox-trot.

— Magnifico! Comprei esperarei, anciosa, o cahir da tarde. Gosaremos muito, brigados na docura da vida... "Good time"!

Durante todo esse dialogo, Katy devorava os pratos. Uma fome canina—si é que as mulheres bonitas podem ter fome canina—fazia com que Raphael sorrisse maravilhado, "bancando" o coronel, lá na terra estrangeira...

O garçon que os servia, durante todo o almoço, teve nos labios um sorrisosinho de mal-dade. Sorrisosinho de garçon...

Terminada a refeição esplendida, Katy, com os olhos ainda mais garcos, com as faces transformadas em duas rosas vermelhas e venenosas, pediu licença ao seu companheiro generoso, e foi ao toilette, animar sua cabelleira fulva, que recordava um mundo de abelhas douradas.

Levantou-se graciosamente,

á sorris, pondo nos labios toda essa humidade sensual que, ás vezes, nos entontece...

E foi.

Cinco minutos... dez... quinze... vinte... trinta minutos, e a cadeira onde se sentara aquella americaninha de cabellos "á la garçonne" e de meias de seda, continuava abandonada.

Raphael interrogou o garçon:

— Miss Katy?

— Que miss Katy?

— Aquella lourinha que almoçou commigo.

— Já se foi, disse o garçon respeitpsamente.

— Por onde passou?

— Sahiu pela porta do fundo...

— Não é possivel. Deixou aqui seu par de luvas cinzentas e seu leque perfumado a sandalo...

— E assim mesmo. Sua miss Katy, igual ás outras, só queria o almoço, e como é gentilissima, deixou-lhe essa lembranca...

E apontou para aquelles trofeos da conquista amorosa de Raphael, ao mesmo tempo em que lhe passava a conta avultada d'aquele almoço... á americana.

Não cahiria n'outra cilada. Almoçaria sosinho, sem o perfume forte e agradavel d'outro lindo corpo de mulher...

E todas ás vezes, em que uma outra Katy qualquer embargava-lhe os passos, á hora alegre do almoço, Raphael, cynicamente a interrogava:

— O restaurant tem saída pelos fundos?

— Tem.

— Então, não vou.

— Também não quero mais o almoço.

Raphael de Athayde ficava a olha-la, gosando a vinganca...

— Ai! Como é diferente amor em New-York...

CELIO MEIRA.

Do "Malicia"...

## BALLADA ROMANTICA

O sol espalhe sobre a terra  
um ofro fino e abrazador...  
A Natureza se descerra  
para cantar o nosso amôr!  
Além, além o passarédo  
adivinhando o meu sonhar  
cantando, diz-me do arvorédo:  
— "Ama poéta; é bom amar!"

E diz-me o vento sussurrante  
a se esbater pelos rosaes:  
— "O teu amôr é inebriante,  
e os beijos della: sem ignaes!"  
E eu me embeveço tanto e tanto  
ouvindo o vento assim falar,  
que de alegria vem-me o pranto  
e eu juro a ti somente amar!

Cantarolando, escuto, as aguas  
que enchem de espumas os meus pés:  
— "Certo apagaste velhas maguas  
de outros amôres infieis?"  
— "Já não és triste. Ella é formosa!"...  
... e vão-se as aguas a cantar  
uma canção maravilhosa  
que finda assim: — "E' bom amar!"

E o céo azul tambem: — "Poéta  
como eu invejo essa paixão

\*

Violeta, lindo encanto do  
lar feliz do nosso distinto  
collaborador Arlindo Moreira  
Dias e de sua exma, consorte d. Maria Luiza Moreira  
Dias, teve ante-hontem o  
decorso da sua data natalicia  
recebendo muitos beijos e  
presentes.

\*\*

\*

Terá logar amanhã em  
sua séde social, á rua João  
do Rego n. 421, sobrado, a

# Um Româ- nce de Amôr

Paula Mal-  
ta Filho

Um romance de amor, uma aventura,  
Uma illusão de amor, triste verdade  
Não dura mais, que dura uma saudade  
Que freme, que castiga, que amargura...

E canto-o assim, com tão grande brandura,  
Com tão grande emoção de mocidade,  
Que cinto um doce arpêjo, uma amisade,  
Sempre que o peito nelle se em clausura.

Sorri todo o desejo, e todo o pranto,  
Desde o amor bestial, ao amor santo,  
As loucuras mais vis e trahidores...

E assim amando, amando eternamente,  
Andando em busca do desejo ardente,  
Eu não mais posso amar, minhas senhoras...



A' Flórinha Ferraz

que arrebatou em tua alma quiéta  
fogo maior que dum vulcão...  
— Como eu sou triste... e tenho estrella  
e tenho sol e tenho luar...  
— mas não posso o corpo d'ella  
é o seu divino e doce olhar..."

E o céo fallando, de repente,  
talvez sentindo enorme "spleen",  
cheio de sol mas, tristemente,  
manda um adeus de luz, a mim...  
E eu sigo envolto na chiméra  
com o coração a murmurar:  
— Oh! como é doce a Primavera  
que gera em nós o verbo: Amar!

## BRINDE:

Recebe, Amor, estes meus versos,  
puros irmãos dos sonhos meus,  
nelles depuz lyrios diversos  
tão lindos como os olhos teus!  
Se tanto te amo, o meu desejo  
commigo cumbras a cantar:  
— Jura que és minha entre meus beijos  
que eu hei de, a ti, eterno, amar!

TORRES-MENDALVA.  
(Do livro intimo: Emoções)

\*

posse da primeira directoria  
effectiva do Centro Norte  
Rio-Grandense, que ha de re-  
ger os destinos da mesma  
associação durante o periodo  
1927-1928.

Para assistir a referida so-  
lennidade recebemos aten-  
cioso convite.

\*\*\*

## FREDERICO, O "GRANDE"

ENCONTROU certo dia  
num jaddim real um tenen-  
te das suas guardas vestido  
em traje civil, apesar da ex-  
pressa proibição dos che-  
fes. Fingiu não o conhecer  
e perguntou-lhe quem era.

— Official, respondeu o  
tenente; mas estou aqui in-  
cognito.

— Bem, bem; mas, retire-  
se quanto antes, respondeu  
Frederico, antes que o rei o

A Janoca, a cavaleiro nas costas do aleijadinho, batem nos braços do Quincas, a sorrir, como se uma idéa feliz lhe tivesse vindo à cabeça:

— Vamos fazer com elle o que papai fez hontem com o leitão?

O Quincas irradiou, no seu rostinho esperto de travesso, as mãosinhos no bolso, todo contente por aquella lembrança da mana.

— Vae então buscar a faca.

O aleijadinho levantou a cabeça e cravou-lhe os grandes olhos pretos num assombro, com um rugido duro de terror.

A Janoca levou o dedinho aos labios.

— Cala a boca. Vamos fazer como papai fez hontem com o leitão.

A aldeia inteira tinha pena do aleijadinho. Nascera assim, com as duas pernas tortas, que o faziam andar de joelhos, as mãos no chão, como um quadrupede.

A sorte fôra-lhe má, desde pequenino.

Aos trez annos estava á porta de casa quando uma vaca mansa, que andava ali pelos terreiros, veio lamber-lhe pacatamente o rosto.

A criança tomou um susto tão forte que se poz a gritar e a sacudir, convulsamente, na areia. Pouco depois tinha febre, — uma febre que o fez delirar durante noites, com espantos subitos e vizões macabras nos olhos. Quando passou a febre, não falava mais. A sua voz era aquelle grunhido rouco e cavo, profundo como um urro. Pouco mais cresceu. As pernas tortas entanguiram mais, esfuziaram-se-lhe os braços, aumentou-lhe immensamente a barriga, vieram-lhe rugas no rosto, enjelhado e mole como de velho. E de bonito só lhe ficaram os olhos, dois belos olhos inacreditavelmente grandes, surpreendentemente pretos, magoados, bôndosos, de uma rezignação comovedora, ali cravados, ali brilhando, como duas flores de sofrimento.

Mais tarde, morreu-lhe a mã. Ficou sózinho no mundo, sem pai, sem parentes, com as duas perninhos tortas, andando de gatinhas, como um quadrupede.

A Narciza trouxe-o para casa; era a madrinha. Trouxe-o para brincar com os filhos — o Quincas, que por esse tempo já ia querendo andar, a Janoca, que já se arrastava pela casa, engatinhando.

E o aleijadinho entregou-se ás crianças, numa afeição toda ternura e toda bondade, o dia inteiro com ellas no quintal brincando, radiante da grazinada dos pequenos, querendo rir, querendo falar, mas sempre com aquelle grunhido rouco, profundo e cavo como um urro.

Montavam-lhe nas costas, andavam n'elle a cavaleiro, e lá ia muito contente, roncando de alegria por aquella pagodeira ruidosa, sob as arvores do quintal.

Quando a Narciza ia para a roça, oçava os trez sós. Era um dia inteiro folgado, os trez senhores da casa, mexer-las em tudo, esgaravatando os cantos, e aleijadinho de aviso sempre, urrando, quando as crianças andavam mal.

Muitas vezes a Narciza, ao voltar, encontrava-lhe uma ou outra mancha arroxeadas nos braços ou nas espaldas. Não denunciava nunca as pancadas que lhe dam os pequenos, nas horas de folgares. Sorria, só fazia sorrir, como se aquillo fosse por sua propria culpa.

A Janoca e o Quincas maltratavam-o horrendamente. O Quincas, muitas vezes, quando lhe andava nas costas a cavaleiro e que o pobre já não podia mais com o pezo, metia-lhe o chicote de grande, como num cavalo. Mas ainda assim o aleijadinho era da mesma mansidão, sempre amigo, sem nunca os deixar, arrastado para o brinquedo como para a unica alegria da sua pobre alma desgraçada.

Davam-lhe pancadas os pequeninos, porque elle vivia como sentinelha alerta, com os seus urros e rujidos protestando contra as traquinadas de perversidade ou perigo.

Uma vez foi por causa de um gato. O Quincas e a Janoca pegaram o animalzinho e meteram-o na cacimbra. O gato vinha á tona miando,

com os olhos esbraseados, e os dois, cada um com uma varinha, tocavam-o para o fundo, a rir numa algazarra.

Protestava, rujia, grunhia e as crianças, para o calar, deram-lhe uma sova de rêmho. Mas não deixaram o gatinho. Quando o bicho já não podia mais gritar, morrendo aos es

trebuchos, cavaram no quintal um buraco, puzeram terra em cima, uma cruz á beira, como tinha visto fazer com os defuntos nos cemiterios.

Outra vez fôra com elle proprio. A lembrança viera do Quincas:

— Vamos fazer como o Nosso Senhor do oratorio?

E agarraram-o, prenderam-lhe as pernas tortas ao tronco da laranjeira e, numa vara postada em horizontal, amarraram-lhe os braços com cordas.

Haviam visto a imajem de Cristo naquella postura agoniada na cruz, no oratorio.

Elle urrava, no terror de que o brinquedo fosse mais longe, pedindo a seu modo, num rouco implorativo, com os dois olhos prodigiosamente grandes, fabulozamente pretos, de uma rezignação comovedora.

Foi uma felicidade a Narciza voltar mais cedo da roça.

A Janoca chegou-se alegremente, com a faca.

O aleijadinho não lhe tirava os olhos de cima, num pavor que lhe fazia a voz mais rouca, mais profunda e mais cava do que um urro.

— Vamos, vamos brincar como papai fez hontem com o leitão.

O aleijadinho regouava, gesticulando, com os braços esfuziados, num assobramento. Vira como fôra morto o leitão e sabia bem que os pequeninos, por imitação, eram capazes de repetir com elle a cena da vespresa. Assim torto e assim feio, andando de gatinhas como os quadrupedes, a falar num tom rouco, conservava limpa e clara a intelligencia que lhe fulgia pelos olhos ali cravados, brilhando como duas flores de sofrimentos.

## CONTO SEMANAL

### O ALEIJADINHO



Viriato  
Correia



## A PILHERIA

— Que cara elle está fazendo! mostrou o Quincas.

As duas crianças riam da expressão angustiada do aleijadinho, moveudo-se, querendo correr, mas a afastar-se de quatro pés, lentamente, aos esgares, ganindo:

— Tolo! fez-lhe a Janoca. E' brinquedo.

O Quincas agarrou-lhe as pernas:

E' brinquedo. Deita ai. Faz como o leitão.

Não pode dar mais um passo. Tinham-lhe as pernas e o Quincas segurava-lhe os bracinhos, a faca em punho, reluzindo.

Socoga. Anda, faz qui, qui. Faz como o leitão.

Os seus griots eram agora tremendos, de uma brutalidade feroz, coruscavam-lhe os olhos estupidamente, numa agonia de quem vai morrer. A Janoca continuava a rir.

— Assim não. E' assim: qui, qui. Faz como o leitão.

O Quincas agarrou-lhe o gasnête com a mão esquerda e com a direita fez menção de enterrá-la a faca no pescoço.

— Faz qui, qui.

Um fio de sangue espirrou na cara do pequeno. Havia enterrado a faca de lado a lado, até ao cabo, como na véspera vira o pai enterrar no leitão.

O aleijadinho estrebuchou, banhado em sangue, brilharam-lhe angustiadamente os olhos gran-

des, imensamente pretos, aquelles dois olhos bondos, magoados, de uma rezignação comovedora. E teve ainda um grunhido profundo como um urro, abriu a boca numa golfada vermelha e não se mexeu mais.

As duas crianças ficaram impressionadas com aquella inabilidade e com aquelle sangue e fizeram-se, como que compreendendo, o mal.

— E' ... E' ... a Janoca.

— Qual nada! O leitão hontem tambem ficou assim.

A Janoca perdéra toda a sua alegria, a brejeira dos seus olhinhos garotos.

— Fostes tu. Não foi eu.

E ficaram os dois silenciozinhos, olhando o cadáver do aleijadinho, ali estirado, todo em sangue, as pernas tortas endurecendo.

O Quincas lembrou, como numa salvação à sua culpa:

— Vamos enterra-lo como ao gato?

O calor que fizeram de dia era o prenuncio de chuva, para o entardecer. E o semblante do céu era outro agora; fôrava o azul iluminado do meio dia, a alva espuma das nuvens transparentes; o espaço cobrira-se de uma suja cor de fuligem, o azul perdera a limpidez e o brilho, vieram nuvens de longe, nuvens enormes, carregadas, que se foram alojando no poente, cobrindo o sol de preto.

\* \*

\* \*

\* \*

## OSGAR BORGERTH

Em companhia do apreciado maestro conterraneo Alberto de Figueiredo visitou-nos na ultima terça-feira o violinista patricio Oscar Bergerth que se fará ouvir para o nosso grande publico num concerto, no proximo dia 23. do corrente. Antes disto, porém, possivelmente hoje, ás 16 horas o violinista Oscar Bergerth que vem precedido das melhores referencias da imprensa sulista se fará ouvir em uma audição especial para os jornalistas pernambucanos. Somos gratos a atenção da sua visita de cortezia.

\*

## DR. A. L. FONSECA

Passageiro do transatlântico VOLTAIRE, esteve nessa cidade quarta-feira o exmo. sr. dr. A. L. Fonseca presidente da Republica de São Domingos.

O digno político dominicano regressou do Rio de Janeiro, tendo participado do Congresso Parlamentar Internacional de Commercio

ultimamente ali reunido, como chefe da delegação do seu paiz junto aquella importante assembléa. A bordo o dis-

tincto itinerante foi cumprimentado por patrícios e amigos aqui residentes.

## RESISTENCIA NA DANSA

### ERUPÇÃO NA PELLE

Amis. e Srs.

Pela presente venho declarar que estive sofrendo durante um anno de forte erupção na pelle, que me parecia sarna, pois quando eu coçava abria a ferida; conhecendo as qualidades curativas do Elixir de Nogueira, do Pharm. Chim. João da Silva Silveira, usei seis vidros de tão precioso depurativo devendo eu a minha cura exclusivamente a elle.

Nova Cruz, 14 de agosto de 1913.

Appolonio de Queiroz.

(Firma reconhecida)



No theatro HELVETICA, terminou na terça-feira á meia noite a prova de resistencia coreographica, em beneficio do Hospital de Seringueiros de Senna Madureira, no Acre, a que se submetteu o distinto cavalheiro sr. João Romariz. O sr. Romariz terminou a sua prova bem disposto recebendo justas felicitações da assistencia. Auxiliaram o referido cavalheiro diversas senhoritas pernambucanas. Durante a prova o sr. Romariz tomou continuadamente pastilhas de CANDIOLINA de Bayer oferecidas pelo dígnio representante da referida companhia em Recife. O illustre sr. dr. Pessoa Guerra, prefeito da capital e paranhympho da prova esteve presente se interessando pelo estado do sr. Romariz.

## FARRAPOS

Fulano, por circunstâncias inevitáveis da sorte, andava matrapilho.

Foi a certo lugar e os seus amigos o olharam com menosprezo. Um deles, porém, ainda teve a idéia de perguntar aos outros:

— "Vamos falar com Fulano"?

— "Não!" — foi a resposta — "Está muito sujo... Vejam-no. Está rôto e nos envergonharia agora o seu convívio..."

Meses depois, Fulano encontrou a felicidade. Empregou-se bem. Ganha bom dinheiro e anda decentemente trajado.

E hoje, em toda a parte, uma chusma de "amigos" corre a abraça-lo.

Que grandes patifes!

\*

Da Companhia de Seguros **A Equitativa** recebemos alguns mataborões, brindes da conceituada seguradora. Somos gratos pela oferta.

\*

Finou-se sabbado, em Itabayanna, o distinto coronel Antonio Cruz Ribeiro, figura de prestígio em o nosso meio social. Viuvi deixou o pranteado extinto numero sa prole. O seu desaparecimento foi geralmente sentido nesta capital, onde teve lugar a inhumação do cadáver trazido em comboio especial acompanhado de numerosos amigos e parentes. Nossos pesames.

\*

Está entre nós chegado do Ceará o estimável 1.º sargento do exército Agricio de Paula Dias, do 23.º batalhão de caçadores.

\*

Foi inaugurada festivamente nesta cidade no ultimo sabbado, às 16 horas, a agencia da Companhia Sul Americana aqui superintendida pelo illustre cavalheiro sr. Pedro Nolasco. A agencia importante seguidora está luxuosamente montada e dispondo de um activo corpo de agentes. No acto inaugurai fallaram os srs. Augusto

\*

to Niklaus Junior, inspector geral de agencias e o dr. Gaspar Uchôa.

\*\*\*

. A SEDUÇÃO DO ALCOOL  
num roubo audacioso, garrafas  
de whiskey foi o maior  
valor

Um roubo audacioso, praticado em Chicago, teve um epílogo interessante.

Uma quadrilha de gatunos conseguiu arrombar a casa forte de um banqueiro da Avenida Michigan e tiveram a surpresa agradável de encontrar no cofre, entre valores de vulto, garrafas de um saboroso e velho whisky.

Antes de outra qualquer operação, provaram a excelente bebida da Escócia. E tantas vezes repetiram a prova que se embebedaram completamente, o que não é para admirar num paiz que proíbe a venda de bebidas.

Quando foi aberto o banco, os gatunos achavam-se na casa forte dormindo um sono de pedra, como mortos.

Não foi difícil, transportá-los para a prisão.

\*



No anniversario de José Julio Silveira

# O que Julio Dantas disse

DE  
Berta Singerman

— (Annuncia-se a nova visita da grande declamadora argentina. E' de oportunidade, pois, transcrever o que sobre ella mandou dizer á *Nacion*, de Buenos Aires, o brilhante Julio Dantas.)

Não é apenas uma "diseuse": é uma actriz. Foi essa a grande surpresa que Mme. Singerman me trouxe; e é isso que constitue a verdadeira originalidade dos seus processos e da sua arte. Dotada dum viva intelligence critica, dum aguda penetração psychologica, esta grande interprete das litteraturas, estuda profundamente as composições que vae interpretar; completa-as, procurando, para além do texto de cada poema, o que nello existe e não foi traduzido em palavras, — os seus "raios ultra-violetas", detentores do mais forte poder de emoção; realiza depois o trabalho da lenta transsubstanciação da alma do poeta ou dos seus heroes para a sua propria alma; e quando já é ella que sente aquellas paixões, que sofre aquellas dores, que pensa com aquellas palavras, quando a obra de identificação espiritual do poeta e da sua interprete se completou. Berta vive na scena o poema, representa-o, realiza-o, não com a emphase lyrica dos declamadores vulgares, mas com a verdade humana, sentimento, a sinceridade, a vibratilidade, o gesto, a comunicativa eloquencia dum perfeita comedante. Dizendo uns simples versos, toda ella é expressão: os braços, os olhos, a mascara, o corpo inteiro, que vibra, que estremece, que se transforma, todo elle, num equivalente expressivo da emoção do poeta. A mais ligeira poesia, interpretada por Berta Singerman, converte-se numa obra dramatica, porque adquire, não só uma maior amplitude humana, mas uma realidade scenica integral.

E' o que sucede, por exemplo, com o "Gigante", de Audreef, com o "Soldado de

chumbo", de Klingsow, com os "Sinos", de Poe; e é isso que assombra e desconcerta os poetas que, pela primeira vez, ouvem as suas proprias composições ditas pela eminente artista. Muitos delles confessam-se suprehendidos pela quantidade de coisas novas que Mme. Berta encontrou nas suas poesias, e que elles nem sequer suspeitavam que lá estivessem. E o autor da "Alegria do Mar" disse um dia a Berta Singerman,

e de Mme. Berta, afundada num dos "mapples" do salão, embrulhada num casaco de pele, só se via aquillo que nella tem mais expressão e mais caracter: os olhos e as mãos. Não conheço as mãos celebres da actriz americana Miss Meggie Albanesi, longas, brancas e nobres: mas creio que as de Berta Singerman, não sendo celebres ainda, devem ser muito semelhantes. A mão — já o disse



depois de a ter ouvido interpretar essa composição magistral:

— Não foi assim que eu senti a minha poesia, ao escrevel-a; mas era na verdade assim que a devia ter sentido...

Assisti apenas a duas audições da grande actriz "porteña". Affazores inadiáveis não me permittiram assistir ás outras. Mas conversei com Berta Singerman no "Avenida Palace", e essa conversa acabou de me instruir ácerca da sua arte e das suas aspirações.

Observei-a, então, mais de perto. O dia amanheceu frio,

o poeta inglez Browning — revela a mulher; toda a arte daquella que ha de ser um dia a "gloriosa Berta" estava ali, deante de mim, nessas mãos nervosas, espirituales, aristocratas, mais alma do que materia, mais fluido do que forma, mãos compridas e angelicas de figura do "Greco", que — por singular contraste — surgiam timidamente da pelle dum animal feroz. Permitti-me lembrar-lhe que ella não era, como os programmas indicavam, uma simples artista declamadora, mas uma extraordinaria actriz, e manifestei-lhe o desejo de que aquellas mãos admiraveis, que tão eloquen-

temente sabiam dramatizar todas as ansias e todas as paixões, se convertessem amanhã em syntheses expressivas, não apenas das pequenas composições, mas do grande theatro. Bertha Singerman disse-me que pensava, realmente, em organizar uma companhia para representação de dramas e de comedias segundo os processos novos, porque — já o afirmara Oscar Wilde — "são sempre os novos que têm razão". Mas disse-me sem convicção e sem entusiasmo. Eu creio que, no íntimo do seu coração, a grande artista desejaria continuar a ser uma simples interprete de poetas — a primeira duma longa e

branca teoria de Musas que, depois della, sobre os cothurnos dourados de Polimnia, ha de passar nos palcos de todo o mundo. O seu instinto e a sua confiança em si própria dizem-lhe que a sua obra ha de ter continuadores; que o seu exemplo frutificará, que as recitações estarão em breve na moda, e que ella, fazendo reviver pela voz da Muher a alma dos poetas, contribuirá para o renascimento universal do culto da poesia. Ficar na história das literaturas como a inspiradora, a animadora, a vulgarizadora da obra poética das últimas gerações, é talvez melhor para Berta Singerman do que ser mais uma

interprete — entre tantas! — do drama moderno ou da tragedia classica. Quando me despedi dessa singular mulher, uma névoa de melancolia embaciava-lhe os olhos. Seria a incerteza do seu futuro artístico? A indecisão entre a musa e a comedianta? Seria a ansia de horizontes sempre diversos, de uma arte sempre diferente, de uma constante renovação espiritual? Seria, enfim, a dolorosa ansiedade que se projecta, como uma sombra, na alma de todos os grandes artistas? Creio que foi Mme. de Staél que o disse: "Pour une femme, la gloire nest que le déuit éclatant du bonheur..."

JULIO DANTAS.

## FARRAPOS

Um amigo de há muitos, me endereçou uma missiva acompanhada de meia dúzia de versos para que eu esteriorizasse sobre os mesmos a minha opinião franca e imparcial.

E' difícil a missão. E' pesada a responsabilidade.

Vou deixar, pela primeira vez, de atender a um pedido desse amigo a quem devo finanças tamanhas que nem sei mesmo como paga-las.

Assim o faço com razão.

A poesia está num período de absoluta anarquia, de franca degenerescência pelo número sempre crescente dos que surgem por ai na ansia louca de cantar em versos os lábios pintados de milhares de meninas fúteis...

E para me não tornar massante e intolerável, vou deixar aqui, finalizando estas linhas escritas ás carreiras, este conselho de experiente:

Meu amigo: — Leia bem estas palavras sensatas: — Ao envéz de fazer versos é melhor plantar batatas!

P. A.



Izolda, encanto do lar feliz do nosso distinto ex-director Armando de Oliveira e de sua dícta consorte d. Severina Bernardes de Oliveira.

Izolda fez annos sabbado e recebeu numerosos brindes de seus genitores e pessoas amigas.

Num castello de crystal, habita a linda fada dos amores.

Sua beleza irradia, fazendo elevar aos que têm a felicidade de vel-a... Contam, que em certa noite tempestuosa, illuminada de quando em quando pelos raios, um joven viu-se perdido em extenso matagal, sem que pudesse encontrar o caminho de sua habitação, que devia ficar bem distante. O seu espirito estava tão apavorado, com o contínuo desencandear dos relampagos e trovões, que já não podia pensar num meio para sahir d'all...

Um relampago serpenteia e o pobre moço o acompanha com o olhar desvairado e o detém num ponto distante, muito distante que parece conservar um clarão fixo, deslumbrante mesmo. Era uma habitação. Reanimado com a feliz descoberta, elle procura um arrimo qualquer e encaminha-se em pós da luz esperançosa que incutiu-lhe um de felicidade.

Eis o castello de crystal! Deslumbrado, o mancebo não ousa approximar-se. Um jardim precioso de flores iradiadas, circunda a habitação da fada dos amores.

Um regato limpidão corre lentamente, e lentamente está a murmurar continuo...

Ella, a linda habitadora des-

Da conhecida Casa Excel-sior, estabelecimento de cal-gados, á rua do Livramento, recebemos alguns mata-borões amostras reclames da mesma casa.

\*\*\*

Da nossa distinta collaboradora d. Evangelina Maia Cavalcanti, actualmente no Rio de Janeiro, recebemos atencioso cartão de felicitações por motivo do aniver-sario d'A PILHÉRIA.

## A caridade ou a fada do amor

\*  
te eden, vendo o joven extatico delle se approxima.

Thetis, não teria com certeza tanta formosura; nem Dryas teria mais modestia!..

O seu olhar, olhar de divindade, cravou-se no semblante do moço ambevecido e os sens labios formularam uma garganta: — "Que desejas jovem forasteiro? vejo que surprehendeu-te a tempestade que passou; e que vieste ter aqui, em busca de abrigo te enlevas-te na beleza deste meu castello e te queceste do teu proprio "Eu"..."

Talvez desejes saber quem sou e vou castifazêr este teu desejo.

O meu nome, é certo que já o tenhas ouvido pronunciar, pois a muito que fallam de mim, sem contudo terem conhecimento exato da origem do mesmo que te vou fazer conhecer.

Fada dos amores, é o nome que me dão; porém o meu verdadeiro nome é um outro mais suave, que falla melhor aos corações...

Os meus amores... Não penses que os meus amores, sejam estes amores frageis fallados pelos homens! não, elles são puros, com as puras vestaes do templo de Cybele!...

### COMO MONTMORIN DESO-BEDECEU AO SEU REI

\*\*\*  
MONTMORIN, governador do Auvergne, recebeu de Carlos IX ordem para passar a fio de espada todos os protestantes daquella província. Inteirado della, escrevu ao rei, nos seguintes termos:

Vês este castello sumptuoso? é este o meu primeiro e mais supremo amor.

Este crystal que te offusca a vista é o resultado das lagrimas de uma mãe quando chora por seus filhos; por isso o amo mais de que a minha propria vida. Este jardim é o meu segundo amor; estas florinhas, são almas puras de creanças que reuni aqui neste recanto, porque de Deus representam a gloria celestial. Agora é d'aquelle regato que te vou fallar por ser o meu ultimo amor. Vês como corre limpidão? Ouves o seu murmurio triste? pois bem: elle é formado das lagrimas dos pobresinhos; daquelles que desvalidos, foram banidos do seio dos homens porque lhes faltavam o principal para viverem nelle; — o miseravel ouro, a mola da vaidade humana... — Sim, são estes os meus amores... delles me veio um segundo nome e é delles que vivo na realidade...

Me occupo em consolar as tristes mães que choram pelos ingratos filhos; em preparar almas de creanças para a eternidade; e finalmente para socorrer os miseraveis que povoaam a terra tão cheia de illusões e de ingratos cheia.

Queres saber quem sou? eu sou a caridade aos olhos de Deus; e aos olhos da humanidade eu sou a fada dos amores...

\*\*\*  
"Senhor: recebi ordem para matar todos os protestantes da província dô meu governo. Embora ella esteja garantida pela fé do sello real, é tanto o meu respeito por v. m. que tenho de suppor que se trata de uma falsificação; mas se assim é que Deus não permitta, e tal ordem emana effectivamente de v. m. que tenhivamente de v. m. ainda assim o meu respeito é bastante para eu prescindir de obedecer".

# Leilão das senhoritas do 3.º anno pedagogico da E. Normal P. Junior

\*

Quanto vale?

A applicação de Dolores Pontes.

A inteligencia de Dalka Mesquita.

A modestia de Ositha Trindade.

A bondade de Judith dos Anjos.

A mathematica de Cecy Brandão.

A sinceridade de Dolores Carvalho.

A sympathia de Stella Oliveira.

A dentadura de Maria das Graças Coimbra.

A delicadesa de Maria dos Anjos Silva.

O olhar terno de Edith Sá Leitão.

A amabilidade de Euridyce Silva.

A tez rosada de Alice Oliveira.

A vivacidade de Maria Amelia Neves.

O acanhamento de Iracy Athayde.  
 A cordialidade de Aymar Britto.  
 A meiguice de Maria José Cotias.  
 O porte fidalgo de Conceição Monteiro.  
 O morenoassetinado de Maria de Padua Walfrido.  
 O retrahimento de Nair Ramos.

A lealdade de Dulce Oliveira.  
 A gentileza de Judith Chagas.  
 A calma de Pharahylde Freitas.  
 O porte "mignon" de Quiteria Gouveia.  
 A elegancia de Delmira Gouveia.  
 E a minha indiscrecção?

## GLORINHA MEDEIROS.

Motte



Severiano

Cavalcanti

Eu vi nos braços d'aurora  
 O sol tremendo de frio.

## GLOSA

A vida que mais se adora,  
 renovando a Natureza  
 em seu portento a belleza,  
 eu vi nos braços d'aurora.  
 Aquillo que o peito implora,  
 nas doces manhãs d'estio...  
 Ella e elle, um barco e um rio...  
 tudo mais longe, esquecido  
 no céo, quase perdido,  
 o sol tremendo de frio.

RECIFE, 1926.

Quando  
 V. ex.<sup>a</sup>  
 Pedir  
 Cigarro MISTURA

o o

o

Diga

LAFAYETTE

## UMA ESTREIA

JORGE contava vinte anos quando resolven partir, afastar-se de seu torrão natal, deixando ali seus queridos velhos, para correr artaz de uma ilusão: o theatro. Sempre havia sonhado com a gloria perturbadora e delirante dos aplausos, com as luzes das gambiaras, com todo um mundo artificial, feito sobre base de papeis e cōres. Por isso, agora, suas longamente contidas se faziam irrefreaveis e conseguiam amarrar sua vontade a elas, obrigando-o assim á obediencia.

Longo tempo sustentara essa luta silenciosa em seu intimo, sem que nunca uma palavra ou uma queixa subisse a seus labios.

Sua juventude, seus vinte annos, sua vida inteira lhe exigiam agora o gesto brutal de abandonar tudo, o que ate entao o rodeara. Já não tentava lutar, não podia, não queria fazel-o. Era necessario palmilhar o caminho assinalado por suas ilusões, seguir por elle ate chegar ao fim, pondo de lado as duvidas e as vacilações.

Assim fez.

Nada mais natural nem mais humano. Deixou os seus, os pobres velhos, que ficaram chorando por aquella loucura que levava o filho... Elles, em sua humildade, não reconheciham outra gloria além de seu trabalho, nem outro prémio a suas fadigas além do descanso. No entanto, esconderam sua amargura na promessa que Jorge lhes fizera, de voltar com o triumpho...

II

Na cidade, Jorge fez vida de bohemio, isto é, soffriu todas as privações imaginaveis, todo esse drama que se oculta, como a vergonha, nestas duas palavras: vida bohemia... Depois, se uniu a outros que, como elle, lutavam e soffriam por ter algo no cerebro e, assim, foi dar com suas ilusões e desencantos junto a uns homens que cheiravam a tabaco e bebiham alcool...

III

PASSOU o tempo...

IV

UM dia, uma noticia estampada em letras de forma e divulgada por um jornal da tarde, produziu na-

quelle recanto dos bohemios uma alegria estupenda e ruidosamente festejada.

— O rapaz vai estrear! E todas as exaltações se resumiam depois numa só:

— Até que enfim! Jorge sentia que a cabeça lhe dava voltas e seus pensamentos se confundiam uns com os outros, e elle experimentava a sensação de que um abysmo se lhe abria aos pés...

— Até que enfim! Era chegada a hora em que devia deixar por vez de inclinar-se ante todas as vontades alheias que puziram á prova sua enorme constancia. Aquillo significava o ansiado triumpho, o velho laurel. Quem isto sentiu não sabe o que isso representa em certa etapa da vida?). Por isso, os bohemios, um pouco emocionados, para festejar o acontecimento, lhe offereceram bebedas... Depois, depois de uma longa pausa, ragiu o rapaz e se dispôz a escrever. Os companheiros o viram tomar da pena, o, mão firme e traçar umas palavras. Por cima de seus hombros, conseguiram ler:

“queridos paes...”

Jorge começava a cumprir sua promessa...

V

O<sup>o</sup> SALÃO, brilhante de luzes, ocupado totalmente por um publico distinto, tinha algo de imponente naquelle noite de estreia. Os amigos de Jorge esperavam, tran-

\* \*

X



quillos e sorridentes, a consagração do jovem autor. Ouvia-se um murmúrio amavel e correcto de conversações. De repente, voltou o silêncio, ao salão.

O velario acabava de levantar-se. Agora, começava, lenta, a agonia de Jorge. Ninguem duvidava do exito. Era certo, era inevitável, todas as circumstancias assim o presagiam. Então? As scenas do primeiro acto se sucediam umas ás outras diante daquelle silêncio que tinha um não sei que de inquietante. Subito, todas as mãos se agitaram applaudiam! Applaudiam, sim, cheias de entusiasmo, porque a ultima scena acabava de tocar o coração de todos...

Passado o intervallo, chegou o momento de ser iniciado o segundo acto. Já ninguem duvidava do exito. Ali havia mão de mestre! Os personagens eram reaes, humanos, arrancados da propria vida á força de observação e de estudo. Ali, estavam, em scena, com as suas virtudes e os seus vicios, com as suas fraquezas e as suas miserias, levando na alma uma parte de bem e outra de mal.

Até os velhos e incorrigiveis bohemios sentiram alguma cousa rara e estranha em seu interior. Para que negalo? O rapaz havia posto muito cerebro naquelle trabalho, muito pensamento, muito coração numa palavra. Depois, foram buscal-o, e o encontraram soridente, pálido, mas sereno...

Em seguida, uma nova pausa, e a orquestra novamente reune na sala o publico que passela pelos corredores e pelos terraços. Mas... Ninguem conseguia compreender aquillo. Esse ultimo acto não parecia ser a continuaçao dos anteriores. Todos estranharam. Agora, um frio ameaçador se sentia no ambiente. Dir-se-ia que um encanto acabava de se destruir, como si de repente deixasse de existir...

Subito, quando ninguem o esperava, se ouviu um assobio... Foi um assobio longo, penetrante, agudo, audacioso, que immobilizou a todos os espectadores...

De onde havia partido? Ninguem procurou averiguar-

o. Rapidamente se seguiu outro... e outro... e outro mais... Depois foram gritos abafados, risos contidos, palavras isoladas que poderiam se traduzir em insultos...

Lá dentro, Jorge supoz que o theatro vinha abaixo, que o tecto cahia sobre elle, esmagando-o... Saiu dali cambaleante, apoiando-se nas paredes para não cahir. Parecia um homem embriagado...

VI

No dia seguinte, os amigos de bohemia o viram aparecer de novo. Não parecia o mesmo. Vinha bebado, sim, mas de uma maneira que desconcertava, porque sua embriaguez era de alcool e de dôr...

— Jorge!

E elle, desesperado, murmurava ao ouvido dos companheiros sua amarga confidencia:

— Amigos... eu me terei suicidado si não fora a recordação dos velhos...

Calaram-se. Todos o julgavam muito capaz. Mais tarde, Jorge se dispôz a escrever...

Vacilhou um momento e

depois, subitamente, se decidiu, traçando as costumadas palavras:

“Queridos paes...”

Deteve-se. Não podia com sua emoção. Era superior a elle. Mas, era preciso fazê-lo. Todos estavam silenciosos

e tristes em torno dele. Sua mentira salvaria os que, com a verdade de seu carinho, acabaram de salval-o...

Quasi chorando, continuou a crata:

“Queridos paes: triumphei”...

## HOTEL

### LUZO BRAZILEIRO

Parahyba do Norte

— DE —

### João da Cruz Pequeno

#### Salão para Mostruarios de Viajantes

Hotel de 1.ª ordem — O melhor da Parahyba

Empregado em todos os trens do horario

## Pó de Arroz **Lady** Beija-Flôr-Rio

É o melhor e não  
é o  
mais caro

A venda em todo o Brasil

**J. Lopes & C.** Praça Tiradentes, 34, 36 e  
38, e Rua Uruguayanna, 44  
Rio de Janeiro

Representante neste Estado:

## Angelo Neves & C.

Caixa Postal 123 — Recife

# Sabonete Eucalol

Para banhos e  
toilette

A BASE DE ESCENCIA DE EUCALYPTO

## Palavras Cruzadas

Damos hoje a solução do enigma n.º 4, e publicamos o de n.º 7.

### Solução do enigma n.º 4

#### HORISONTAES.

- 1—Abrigo — Coberta.
- 8—Tonico — Locao.
- 10—Lenha — Acha.
- 12—Ligar — Unir.
- 14—Monarca — Rei.
- 15—Treis — Tri.
- 16—Ilha de Pernambuco — Pina.
- 17—Irmão de Romulo — Remo.
- 18—Tambem — Ate.
- 19—Seguias — Ias.
- 20—Ilha da Russia — Dago.
- 22—Atravessam, ao contrario — Arot.

23—Uma — Reuna.

25—Alegro — Gostoso.

#### VERTICAES

- 2—Que tem olhos negros — Olhinegros.
- 3—Serpente — Boa.
- 4—Venha cá, ao contrario — Ec.
- 5—Não é bom, trocando a 1.º — Rau.
- 6—Vertigem — Tonteira.
- 7—Rasgado — Farpado.
- 9—Celebre poeta Italiano — Ariosto.
- 11—Partido, trocando á 1.º — Ceita.
- 13—Companheiro — Irmão.
- 21—Oh!... — Oes.
- 22—Idade, menos á 2.º — Ut.
- 24—Nota musical — Ilt.

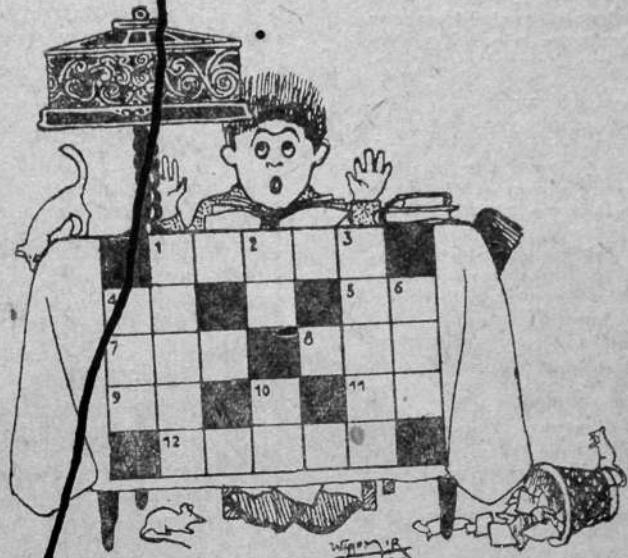
#### CHAVE

#### HORISONTAES

- 1—Traidor.
- 4—Nota.
- 5—Centracção, invertida
- 7—Homem.
- 8—Cidade da Russia.
- 9—Nota.
- 11—Oh!...
- 12—Julgar.

#### VERTICAES

- 2—Tiro.



A Pilheria. N.º 7. 24—9—927

#### ERRATAS

A horisontal 6. é Tolas e não como sahão.

#### RAVENGAR.

3—Nota.

4—Apricho.

6—Homem.

10—Interjeição.



## E' A LEI!

O AGENTE de segurança embaraçou-se pela delegacia como um raio arrastando uma mulher de porte rotundo, que praguejava incessantemente.

Chegando à presença de seu chefe, fez uma continencia, que a prisioneira aproveitou para uma escapada infrutífera.

— Esta mulher, começou, o zeloso policial, parece não regular muito bem; cercada por inúmeras pessoas no Flamingo, falava do "dr." Bernardes, discorrendo sobre a revolução, sobre geladeira e Clevelandia... Achei conveniente interrompê-la... e aqui está.

O delegado, uma figura repolhuda, de longos bigodes, franziu os sobrecenhos, carregando os de abundante mattazal.

— Um caso tão grave, pensou elle, deve exigir uma providência immediata. E, alto, adjuntou: seu nome?

A acusada não respondeu.

— A sua idade? inquiriu ainda.

O mesmo silêncio.

— Sua profissão? bramiu o delegado furibundo.

halista". O que fiz eu? Matel... roubei...?

— Para dentro! rugiu colérico o delegado.

Então a prisioneira protestou, dizendo que aquillo era uma anarchia, uma pouca vergonha, e usando sua cerimonia do nome da avó do seu algoz.

Este, arrabiou o nariz, abriu desmesuradamente os olhos,

### O POVO QUE MAIS CARTAS ESCREVE

— UMA estatística original nos revela que o povo inglez é o que maior numero de cartas escreve, relativamente a outros povos da Europa.

Assim affirma o "Escriptorio da União Postal Universal", e de cuja autoria é a estatística abaixo:

Se um inglez excede, em média, 81 cartas por anno, o francês escreve 27, o suíço 60, o alemão 67 e o portuguêz 19.

NUNCA...

NUNCA exageres.

Nunca reveles um segredo.

escancarou a bocca, e com o bigode a abanar, explodiu furiosamente:

— Isto não é anarchia "sua" ladra. Isto é a justiça, ouviu "sua" jornalista! E a manutenção da ordem! Ella se chama a lei, seclerada!

Alceu Marinho Rego

Nunca rias das desgraças alheias.

Nunca promettas o que não has de cumprir.

Nunca fales muito de ti.

Nunca faltes á hora marcada.

Nunca deixes de responder a uma pergunta justa.

Nunca interrogues um criado ou uma creançã sobre assuntos de familia.

Nunca leias cartas a outros dirigidas.

Nunca refiras os favores que fazes.

Nunca olhes o que outro está escrevendo ou lendo.

Nunca fixes de alguém a cicatriz, o defeito, a enfermidade.

A Água de Colonia Preferida

# PARISIANA

Equal á melhor estrangeira

— Jornalista, fez a mulherzinha num tom lugubre e lamuriente.

— De que jornal? perguntou o funcionário, prevendo coisas interessantes.

— Dum ahi...

— Esta é muito forte! protestou o delgado entre duas cartas. Qual delles? Alguma folha anarchista?...

A interpellada nada retrucou.

— Mettam-na na enxoval! ordenou virando-se para o promptidão.

— Enxoval reclamou a "jor-

nalista" para o amigo Leopoldo Lins.

### Velho

### Tronco

Fui semente e desci ás entranhas da terra,  
Aos impulsos da vida, ao vigor do trabalho,  
Da campina, subi ao píncaro da serra,  
De dia eu tive o Sol, e á noite eu tive o orvalho...

Arvore! eu bracejei aos delírios da guerra...  
Na paz, eu tive o amor, vibrando galho em galho,  
A magua consolei que tristezas encerra.  
O lar eu dei ao pobre, ao misero o agasalho!

Aqueci com doçura a pureza dos ninhos,  
Fui sombra e dei poesia a margem dos caminhos,  
E sazonei o fructo e ao homem dei vigor...

Presas á terra, um dia, as ultimas raizes,  
Ao machado fatal, as duras cicatrizes,  
Eu bendirei tambem a mão do lenhador!

RENATO PESSOA,

## Apparelho Frigorifico Portatil

O maior successo da actualidade

Seu peso é um kilo

Desejam-se representantes—depositarios em todas as cidades do interior dos Estados do Norte—Tratar com M. G. Ferreira. R. Imperador, 354 - 1. and

PERNAMBUCO

RECIFE

A Q U E D A D O P O S T E

(Para os imbecis).

Hontem, aquele poste esguio e elegante, que se erguia defronte á minha casa, affrontava garboso, insinuante, a chuva, e o sól que o tornava em brasa. E orgulhoso, talvez, porque era forte, não temia os vendavaes da sorte.

E muita gente julgava-o, (que ironia!) o poste mais feliz da freguezia.

E hoje, porém, a sorte avessa dá-lhe o revez da gloria tão depressa.

E seis homens maus, cruéis, sem coração, cantarolando a esmo uma canção qualquer, fazem-lhe ao pé enorme cavicidae.

E sem um rasgo siquer de piedade, quebram-lhe o orgulho, (é o que o destino quer), e jogam-n'o indiferentemente, a libeza rôles do lamagal do chão.

E p'ra maior bajxera lhe causar puzeram outro, então, no seu lugar.

E el-o, coitado, (oh! sorte desgraçada!) jogado ao chão, em verde lamagal, contemplando do outro a gloria imperial.

Vêde, imbecis! Temei a vossa sorte! Que talvez seja igual á deste poste forte, que alguem julgava, (que ironia!) o poste mais feliz da freguezia...

AMADEU CUNHA.  
(Do livro inedito *Risos do meu pranto...*)

HOLSTINA

a anilina alema para tingir em casa

Côres lindas e fixas!

Fabrica fundada em 1825—Empacotagem segura contra humidade

Unico representante e depositario:

**CARLOS WEISSENBORN**

Recife — Rua do Imperador, 274 — Pernambuco



# Quebra Cachola

## 2.º TORNEIO

## TORNEIO CANDELARIA

1.º Premio: — Um Calepino Charadistico da auctoria do professor J. Candelaria Sebrinho, offerecido pelo mesmo, a quem apresentar maior numeros de pontos.

2.º Premio: — Um dicionario de "Lafayette", a quem apresentar dois terços.

3.º Premio: — Uma assinatura semestral d'A PILHÉRIA, a quem apresentar a metade.

\* \*

## CHARADAS NOVISSIMAS

## N.º 81 A.º 89

3-1 — Na estrada da Boa-  
da, assisti a queda de um  
corpo.

Beethoven.

(Alagôa-Grande — Para-  
hyba).

\* \*

3-1 — A bastança do am-  
bicisco, consiste em ter so-  
mente o que é rico.

Irmana.

(Recife).

\* \*

2-1 — Morar em cima de  
um penhasco, é singular e  
perigoso.

Stradivans.

(Palmeira).

\* \*

2-2 — A mulher brejeira,  
diz com impertinencia, que  
sabe toda sciencia.

Dom Quixote.

(Ribeirão).

\* \*

2-2-1 — Singularisando o

contagio, o besta do Diogo,  
tornou-se perito no tratamen-  
to de affecções.

Bonaparte.

(Maceió).

\* \*

1-3 — Chindo no oceano  
o porco transformou-se n'um  
peixe.

Marietta Soares.

(Palmeira).

\* \*

2-2 — O pse da cirurgia  
franceza, fez no templo ale-  
goria breve.

Soldado Spartamus.

(Quipapá).

\* \*

3-1 — O charla ão que dá  
séca e caustica, não aliviou o  
meu sofrimento, portanto  
não tratante.

Mak. Lince.

(Recife).

\* \*

3-1 — Quem trata com  
desprezo de tudo e de todos  
cairá demasiadamente baixo.

Pelicano.

(Recife).

\* \*

## CHARADAS ANTIGAS

## N.º 90 A.º 98

(Para Manoel Reinaldo)

Um passaro de azas curta

—2.

N'esta pedra lhe offereço, —1.  
N'uma cidade da Cecilia,  
Comprado por mui bom preço.

Esojarima.

(Recife).

(Da A. C. Luso-Brazileira).

\* \*

(Para os collegas)

Sou natural da Palmeira; —2.

Quem me serviu de docel —1.  
Foi sua copa altaneira;  
Alli bebi mel e fel

Com outra planta faceira,  
Justino Clarel.  
(Palmeira).

\* \*

(Para o talentoso Néo-Rosas)  
Vendo um perigo imminen-  
te —3.

Na casa do João Rosado  
Oniz ser logo previdente  
Evitando um desagrado.

O diacho daquelle burro.  
—O João Rosado sem paz  
De repente ataca um murro  
E o meu plano contra faz. —2.

Vendo o caso agravado  
Por causa da insolencia  
Mandei ver o delegado  
Na carreira e com urgencia.  
Samuel Risão.

(Recife).

(Do G. C. Recifense).

\* \*

Aquelle "seu" Xico Lage —2.  
F' dos tás ninguem lhe toque  
Por pequena cacoada —1.  
Sae-lhe logo com remoque.

Roceirinha Nazarena.  
(Impeiro).

\* \*

## ENIGMAS N.º 94 A.º 98

(Para Raul Fateixas)

Em duas partes  
Divid. a todo  
Que sendo angulo  
Será engodo.

A prima parte

## Academia de Commercio

FUNDADA EM 1910 — Dirigida pelo Dr. Methodio Maranhão

UNICO estabelecimento em Pernambuco, de ensino superior de commercio, que confere diplomas reconhecidos por lei federal como de caracter oficial (decreto 4724-A, de 23 de agosto de 1923). Funciona no palacete da Associação dos Empregados no Commercio de Pernambuco.

CURSOS: Preparatorio (1 anno) — Geral (4) — Superior (3) com execucao integral do decreto 17.329 de 28 — 5 — 1926, que regulamentou o funcionamento dos institutos de ensino de com mercio, reconhecidos oficialmente

Aulas nocturnas para ambos os sexos

MATRICULAS EM 1926 — 249 — (21 MOÇAS)

EXAMES DE ADMISSÃO — PRIMEIRA QUINZENA DE FEVEREIRO

RUA DA IMPERATRIZ, 67 — TELEPHONE, 495

E' uma fileira,  
Que da segunda  
E' companheira.

Violeta.

(Victoria).  
(Do G. C. Recifense).

(Ao Jovaniro retribuindo)  
Decifrei o ponto seu  
Prá o mesmo fazer ao meu.

Ostento traje de gala  
Mas ao pô eu tornarei  
Portanto mais do que um  
pobre  
Nunca o fui e nem serei.

Quem tudo o que tem empe-  
nha  
E sim, tercia com segunda  
Não será prima com terceira  
E mais o fim da salseira.

Como finaes invertidas  
Anós prima acabará  
Mesmo que muito possua  
Tal ninguem contestará.

Helios.

(Recife).  
(Do G. C. Recifense).

(Aos tres turunas)  
Já vi prima e derradeira  
Com mais total sem centraes  
Dizer que um fim após tercia  
E mais do todo as finaes  
Parece co'o um centro in-  
verso  
Aos extremos bem ligado  
E não co'o um queijo do reino  
Que além do mais é pelado.

Vejam vocês da trindade  
Que grande capacidade.

Mirian.

(Recife).  
(Do G. C. Recifense).

Eu sou poema admirado  
E opera bem conhecida;  
Tambem excitante bailado,  
Fizeram de mim na vida.

Principiante.

(Afogados).

Derradeira com a segunda  
Quando nos é apresentada  
Com prima ligada á central  
Satisfaz-nos e é gabado.

Incerta a victoria lhe ha de  
ser  
Se esta ponte não abater.

Alonsinho.

(Recife).  
(Do G. C. Recifense).

CHARADAS ELECTRICAS

N.º 99 A' 104

(Ao Soldados Spartamus)  
Que a minh'alma de poeta e  
sonhador  
não te dê, nunca mais, o seu  
perdão:—

— Minha "pena" provem do  
teu amor.  
— de teu amor provem minha  
affeição—3.

Hermes Delemare.  
(S. Benedicto).  
(Do G. C. Tres Turunas).

3 — Ao homem desconfia-  
do não se diz segredo.

Lexiis.  
(Alagôas Grande). — Para-  
hyba).

2 — Tomei o lior e fiquei  
em estado de embriaguez.

Vivekamanda.

(Parahyba).

2 — Enquanto o homem  
falava ninguem lhe prestava  
a attenção.

Príncipe Negro  
(Ricefe).

(Ao Zé Bedeu).

3 — O irão de Zé Bedeu.  
tem o seu aniversario feste-  
jado em 25 de julho.

José Aurelio Pinto.  
(Garanhuns).

2 — A settra nada.

Alvasco.  
(Recife).

CHARADAS CASAES  
N.º 105 A 110

(Ao Sympathico Reco-Reco)  
2 — Quem abre freguezia  
com satanaz, compra passa-  
gen para o inferno.

Rei Moura.  
(Alagôas).  
(Da A. C. Luso-Brazileira).

3 — O vadio está na re-  
união.

Zé Bedeu.  
(Recife).

5 — O Presidente do Tri-  
hunal, é quem resoverá a  
questão da divisão territorial.

Vanzetti.  
(Afogados).

(Com permissão do Fateixa)

4 — O rei de Argos, che-  
gou ao fim de sua doença  
sem crise.

Siqueira e Silva.  
(Quipapá).

2 — Está quasi escura a  
aléa do parque.

D. Liciano de Lima.  
(Palmeira).

2 — Compõe a sala um  
bello enfeite de pennas de  
aves.

Saturno.  
(Recife).

DICCIONARIO CHARADIS-  
TICO

Conforme comunicação  
que acabamos de receber do  
confrade Antonio M. de Sou-  
za, auctor do calepino chara-  
distico, mais conhecido por M.  
de Souza, está o mesmo sen-  
do reeditado, encontrando-  
se prompto 29 fasciculos de  
16 paginas, referentes à 1.ª  
parte composta de 43 ou 44  
fasciculos e que ficará con-  
cluída nos fins de dezembro  
proximó, caso não haja al-  
gun contratempo.

Os srs. charadistas que de-  
sejarem adquirir o citado  
dicionario, poderão obter  
melhores informações com o  
proprio auctor, á rua Hal-  
feld, 745 — Juiz de Fóra —  
Minas Geraes.

### INSCRIÇÃO

Durante a semana foram  
inscriptos: José Aurelio Pin-  
to, Mirian, Alonsinho, Pelica-  
no e Saturno.

### CORRESPONDENCIA

Foram recebidos trabalhos  
de: José Aurelio Pinto, He-  
lios, Cinda, Mirian, Alvasco,  
Jovanino, Alonsinho, Pelicano,  
Siqueira e Silva e Saturno.

Antonio M. de Souza (Mi-  
nas Geraes). Agradecidos pe-  
las informações sobre o Dic-  
cionario Charadistico.

Beethoven (Parahyba) —  
Sciêntes da mudanca do pseu-  
donymo de RAVENGAR, pa-  
ra Beethoven.

José Aurelio Pinto (Garan-  
huns) — O seu pedido de  
inscrição, enche-nos de sa-  
tisfação, pois é mais um for-  
te esteio para a "QUEBRA-  
CACHOLA".

Mirian (Recife) — A con-  
freira veio muito bem ampa-  
rada. Nada receie.

Alonsinho (Recife) — Agra-  
decidos pelo concurso. Mão-  
s a obra.

Jovanino (Nazareth) — Os  
enigmas foram entregues ao  
RAVENGAR.

Violeta (Victoria) — Esta-  
mos empregando todos os es-  
forços para attender o seu  
pedido.

José Aurelio Filho e Fran-  
co dos Prazeres (Cabo) —  
Estão zangados? Porque não  
mandam trabalhos?

Convém  
não  
esquecer !

GUARANA'

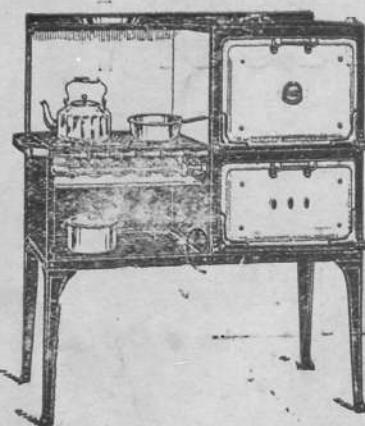
só

de

FRATELLI-VITA

# O FOGÃO A GAZ O FOGÃO MODERNO

Hygienico — Economico — Expedito — Elegante



## Preço do Gaz reduzido

P. I. & P. Co., Ltd.,

LOJA DO GAZ, — RUA D'AURORA

## GAZ CARBONO

fornecido á 30 rs. por metro cubico para con-  
sumo mensal de 100 M<sup>3</sup> ou mais.

Antigamente 700 rs., hoje, metade do preço!

### AVISO IMPORTANTE:

Este preço, fixado como maximo, não será aug-  
mentado quando o cambio descer.

### INSTALLAÇÕES GRATUITAS

São vossas estas vantagens se decidirdes já.

Deixa e  
installar

# Um Fogão a Gaz

em  
vosso lar